

Sonegação de farinha

FOLHA SOCIALISTA

ANO III — N.º 58

29 de julho de 1950

Preço: Cr\$ 1.00

APODRECIM EM SANTOS
25 MILHÕES DE QUILOS
MANOBRA PARA FORÇAR O AUMENTO DO
PREÇO DO PÃO

O caso da falta de pão em São Paulo atingiu seu ponto culminante com a denúncia feita pelo jornal "A Hora", desta Capital, da presença de 25 mil toneladas de trigo no porto de Santos. Era prova final de que a falta de pão em São Paulo é pura sonegação manobrada especuladora.

CONIVENCIA DO GOVERNO

Não resta a menor dúvida de que o responsável pela situação que o povo trabalhador vem atravessando, fora de toda a dúvida, o governo do Estado. Realmente, outras não podem ser as pessoas responsáveis: no momento em que a farinha de trigo se amontoa há semanas nas docas do porto de Santos sem que nenhuma providência se tome no sentido de liberalizar para o comércio, e o povo comece a fazer filas para adquirir o precioso alimento, a culpa só pode cair sobre o "dono" dos Campos Eliseos.

Se os poderes públicos estivessem um pouco mais voltados para as necessidades das massas trabalhadoras, e se se dispusessem a efetuar uma fiscalização severa das quantidades do precioso grão em nossos portos, bem como sua distribuição, não estariam os mosquitos e os ultravassadores retendo o trigo em prejuízo da população.

Somente a cumplicidade criminosas da CEP, da Secretaria do Trabalho, do próprio governador podem explicar essa situação de anomalia.

MANOBRA POLÍTICA

O fato é que o povo já comece a fazer filas em muitos bairros operá-

rios, e o pão muitas vezes é uma mistura de raspa de mandioca e trigo, de gosto horrível. Passei a volta nos tempos da ditadura e da guerra, quando valendo-se da situação internacional, o "pal dos nobres" podia favorecer mais e mais os mogeis internacionais estabelecidos no Brasil.

A disposição do governador é bem uma amostra do que será o futuro governo "progressista" de S. Paulo: caso o sr. Noéneira Garcez seja eleito. O espírito do "prosperismo" aduhemizalista é usar da fome do povo como um poderoso argumento político; ou então comigo, eu encontro que se danem com os exploradores.

Tem sido assim até agora, e não será de maneira diferente depois. Embora o sr. Noéneira Garcez seja um homem honesto, estará rodeado de uma malta de salarizados e aproveitadores que terá de governar de acordo com os princípios aduhemizalistas: suborno, corrupção, intimidação.

Que os 25 milhões de quilos de farinha que, fora de toda a dúvida, apodrecem nas docas de Santos para que seu preço suba, sirvam de exemplo aos trabalhadores.

Assassinio de motoristas

Inepcia ou cumplicidade da polícia

Domingo passado, à noite, enquanto os "chafeus" do largo da Matriz do Brás cruzavam os braços em sinal de protesto mu-
do contra a inepcia da polícia, que facilitara com a sua incuria o assassinio do setimo profissional do volante, empregado num leitor de carteira, um insuficiente de alimentos, um assassinio de motoristas; e uma polícia que não se defendeu ainda das pesadas acu-

cates da propaganda adhemarista — desfilavam ruídosamente no centro da cidade em demonstração de apoio e adesão à chapa de Getúlio-Garcez.

Estavam apenas apoiando o chefe máximo dessa polícia que não consegue agarrar um malfeitor, um leitor de carteira, um insuficiente de alimentos, um assassinio de motoristas; e uma polícia que não se defendeu ainda das pesadas acu-

sacões feitas reiteradamente pela imprensa desta capital de que mantém em seus quartéis numerosos elementos que pactuam com os mercadores, na divisão dos lucros da "moambu"; polícia que não dispõe de gasolina para o tráfego de seus carros, porque o Palácio do governo a requisita para fins desdobrados; que amedronta e aterroriza os clãados pacatos, mas que é incapaz de salvaguardar a integridade física dos 10 cidadãos de ambos os sexos, diariamente assaltados violentamente, mas mais que a Light e a Prefeitura não iluminam por falta de responsabilidades e seriedade.

Um juiz, em uma cidade do Interior, despachou favoravelmente à realização de um comício. A polícia, três dias depois, mostrava uma cópia desse despacho ao diretor-proprietário de um órgão de imprensa em que aquele juiz colaborava, justificando a exibição como "necessidade de alertar os patrões contra as tendências 'esquerdistas' dos seus empregados". Uma polícia sem dúvida eficiente na repressão da liberdade, pelo menos tão eficiente quanto o é em dar liberdade aos ladões e assaltantes que algum "tira" novato prende desculhadamente.

Qualquer pequeno movimento de opinião no seio de uma fabraca, qualquer distante indício de descontentamento; qualquer reunião sin-

dical em assembleia para eleições em organizações operárias encontraria a polícia vigilante, alerta rápida no agir e no reprimir. Mas a segurança individual de cidadão que habita os bairros distantes, criados pela coliga dos proprietários de terras e pelas estupides de uma prefeitura que permite a venda de lotes em lugares sem qualquer ligação com a cidade, — essa não é garantida. E' entregue à iniciativa própria do desamparado, habitante de São Paulo.

Um delegado usa as estações de rádio para ensinar a população a cuidar de si e de seus bairros, Avonsela pôr trancas nas portas e janelas e a soltar parte de armas. Mas, depois, manda uma esforçada patrulha a fazer uma grande apreensão destas, com todo o aparato automobilístico, fotográfico e jornalístico de praxe. Ninguém sabe onde se guardam essas armas, quem as vende, as compra e quanto se obtém por essa venda. Mas não é raro um cidadão readquirir, depois de algum tempo, uma arma, que já fora sua e que lhe formava aprimida.

Existem milhares de motoristas em São Paulo e todos eles estão ameaçados de acabar seus dias do mesmo modo que Pavá e seus seis companheiros, porque a polícia de São Paulo não sabe como examinar.

(Conclui na pag. 14)

Debates sobre o projeto de lei criando o fundo de indenização

Foi precisamente em São Paulo que surgiram as primeiras discussões sobre a criação de um fundo de indenização, procurando-se apurar os prós e contras existentes ao princípio e à prática da estabilidade do empregado. Entre o comerciários, associados à antiga Associação dos Empregados do Comércio, fizeram-se as primeiras discussões em torno de um sistema que garantissem realmente as indenizações aos empregados por tempo de serviço, em linhas gerais de acordo com o projeto ora em foco.

OS DEBATES EM TORNO DO PROJETO

Algumas entidades de classe de nossa Capital organizaram um programa de debates públicos em torno do projeto. Trata-se de introduzir na Consolidação das Leis do Trabalho, dispositivos que alteram profundamente a situação atual com relação à estabilidade do empregado. Esta deixaria de existir e em seu lugar todo empregado seria contratado por prazo indeterminado e passaria a ser depositada a seu favor, pelo empregador, uma importância destinada a indenizar por ocasião da despedida. Com

o objetivo de auscultar as classes interessadas é que foram organizados os debates públicos.

OS ARGUMENTOS FAVORAVEIS

Grande número de representantes sindicais trabalhadores e patronais compareceram à reunião convocada para quinta feira última. Também outras organizações de estudiosos dos problemas sociais participaram dos debates. Contra a estabilidade foram diversas as opiniões manifestadas. O principal argumento é de que a estabilidade é um grande entrave ao progresso pessoal do trabalhador e um dos fatores do decréscimo da produção individual. Pelo sr. Egon Felix Goethschalk, grande industrial paulistano, foi declarado que entre a questão da estabilidade e a lei de incidentes do trabalho existe certa semelhança de objetivos. Na lei de incidentes do trabalho não mais é procurado o culpado pelo acidente, mas sim quem lhe cubre os riscos. Assim também na questão da estabilidade, não se deveria mais garantir simplesmente a continuidade do trabalhador no emprego, mas sim colocar à sua disposição, a qualquer tempo o díheiro correspondente aos anos em que tiver trabalhado nesse emprego. A estabilidade, tal como está colocada nos termos da C. L. T., poderia ser suprida, com a vantagem do empregador sobre o risco através do fundo de indenização, em qualquer tempo, possibilitando o emprego no Brasil do Plano Verópolis, cujo seguro se estende às donas de casa. Se com a indenização ao empregado estavel, colise a despedida, com o fundo de indenização pode-se acumular o dinheiro correspondente aos anos de trabalho, protegendo-se e resguardando-se o interesse coletivo.

FORAM FAVORAVEL AO PONTO DE

vista do sr. Egon Felix Goethschalk e os srs. Luciano Lecomte e Armando Seabra, tesoureiro do Sindicato dos Viajantes e Vendentes do Estado de São Paulo. O sr. Angelo Parmigiani, manifestou-se também favorável ao estabelecimento do fundo de Indenização, com a condição de que seja assegurado um salário mínimo profissional através de contratos coletivos de trabalho, argumentando que o empregado não será seduzido a trocar o emprego, sabendo que terá a mesma remuneração em outro lugar. (Conclui na pag. 14)

INSTALOU-SE NO RIO A CONVENÇÃO SOCIALISTA DUAS TENDENCIAS EM CHOQUE: CANDIDATO PRÓPRIO E "QUESTÃO ABERTA"

RIO (Da sucursal) — Instalou-se, ontem, às 15 horas, a Convenção Extraordinária do Partido Socialista, para decidir a posição dos socialistas frente ao problema sucessório.

Com a adesão do Brigadeiro no Integralista, desapareceu, no seio do Partido Socialista, a tendência

favorável ao apoio ao candidato udenista. As duas grandes tendências que se irão dividir visam ao lançamento de um candidato partidário, de um lado, e a considerar a questão como aberta de outro.

A convenção deu-se tratar, também, da filiação do Partido Socialista à COMISCO e da criação da "Juventude Socialista".

FOLHA SOCIALISTA

São Paulo, 29 de julho de 1950
R. João Adolfo, 118 - 4º and.
Fone: 3-9784

Diretores:
ARNALDO PEDROSO d'ORTA
ANTONIO CANDIDO
Secretário:
FULVIO AURAMO
Gerente:
CARDOSO MAXIMO

Número avulso: Cr\$ 1,00 — Assinatura anual: Cr\$ 50,00

EDITORIAL

BORGHI, O NOVO "CORONEL-PROMESSA"

O povo de Marília, onde o financiamento do café é feito na base de pouco mais de trés mil cruzeiros por pé, Borghi prometeu dar quatro mil, quando for eleito governador do Estado de S. Paulo. Em Ribeirão Preto, onde também os fazendeiros pouco mais de dois contos, prometeu três. E, em outras cidades, onde se faz o financiamento à base de 1.600, assegurou que dará dois mil. E chega à audiência de aconselhar aos fazendeiros que não façam seus pedidos de financiamento agora; que esperem mais um pouco porque, a começar de outubro, estará no governo e dará dinheiro a quem o precisar; ao latrante e ao fator, ao cíntaro e ao fazendeiro.

Com uma fecundidade ainda inedita na política de S. Paulo, que não sente falta de demagogos da mais baixa estirpe, Borghi está inundando o interior de promessas mirabolantes. O opulista e aproveitador, rouba capítulos de programa agrário a quanto partido se preocupou com a questão, apontando uma futura que nem ele nem dez "fubuzinhos" de sua espécie seriam capazes de realizar sequer pelo meio. Enquanto isso, porém, não desculpa dos negócios. Banqueiro formado na melhor e mais alta escola da agiotagem provincial, ligado a uma rede de casas bancárias que vivem e prosperam através de uma exploração inominável, apoiado pelo Banco do Brasil que encontrou nele um meio para dividir as forças de Adhemar e Getúlio, Borghi possui uma ambição desmedida e se utiliza de todas promessas, de todas as armas, boas e más que estão ao seu alcance.

Em discursos recentes, prometeu ao homem da terra, ao trabalhador rural, redimido de sua miséria. Mas, em suas fazendas de Golás, continua a pagar 10 cruzeiros por dia aos trabalhadores que recrutou no

Norte de Minas Gerais com a promessa de pagá-lhes mais de 30, que era a base de seu pagamento diário. Enquanto promete que manterá aplicar no campo as leis que beneficiam os trabalhadores das cidades, prende os seus escravos em suas propriedades goianas, tão distantes de qualquer meio de comunicação que a propria fuga salvadora se torna impossível. Enquanto afirma que irá dar ao campo uma orientação técnica, fracassa totalmente na produção de suas próprias terras, apesar da desumana exploração a que submete os seus trabalhadores.

Tendo-se tornado um elemento útil ao Catete na luta deste contra Adhemar e Getúlio, Borghi foi contemplado com os favores metálicos do Banco do Brasil tornou-se, assim, um elemento de confiança dos banqueiros. Os homens das duas XV de Novembro e Alvaro Penteado vêm em Borghi um instrumento de grande utilidade: demagogia a toda prova, capaz de embalar as massas, e solidamente enraizado nas negociações e no capital bancário. Um chefe fascistóide tipico, pela base econômica e pela expressão política. Um homem destinado a realizar o sonho do banqueiro paulista: um banco ligado a S. Paulo, sujeito a S. Paulo, servindo a S. Paulo. Um banco central, paulista na essência, mas paulista apenas pela localização; na realidade apenas um banco funcional como sucionador das riquezas da nação toda, um golpe contra toda a estrutura econômica da nação.

Trata-se sem dúvida de uma grande manobra: que só poderá acertar-se o povo fará o tão engenho a ponto de ouvir as suas palavras e não ver o que está fazendo em Goiás, para perceber o que será capaz de fazer no futuro.

Fulvio Abramto

Segundo corre em círculos ligados ao situacionismo paulista, Lucas Garcez já teria dado a Adhemar o seu pedido de exoneração do governo de São Paulo. Eleito Garcez, o documento seria entregue, assumindo então o governo Erlindo Salzano. Este convocaria novas eleições para governador, e Adhemar se candidaria de novo, habilitando-se assim, a disputar a Presidência da República no próximo pleito. Registramos a notícia como boato — e não há dúvida de que é um bonito boato.

O único inconveniente do plano é a hipótese de Garcez não se eleger...

CANDIDATO DO BANCO DO BRASIL

Hugo Borghi deve atualmente cerca de 400 mil contos ao Banco do Brasil. Nesses condições, o Banco não pode mais sustentá-lo pois ele naturalmente ocorreria nessa autarquia um rombo que o governo não poderia confessar. Outro deve, assim, dar mão forte a Borghi, embora a façanha de deixá-lo passar: oficialmente ele ébrigado a patrocinar o PSD, e os elementos do PSD que advogam a candidatura Borghi haviam na verdade sentido o vento certo que sopra do Calete. Depois de financiar as negociações do clãdigo, depois de dar-lhe o dinheiro para a montagem de seu gigantesco fundo goiano, o Banco do Brasil está agora possibilizando que Borghi faça a sua campanha eleitoral, polos sonantes vindos a encarregá-lo no governo paulista podereá Borghi pagar o que deve ao princípio estabelecimento de crédito da paixão.

Os ventoinhas que haviam embarcado no cano de Caio Dias Batista ficaram a ver nuvões quando este viu perdidas todas as esperanças de chegar aos Campos Elíseos. Vários dos componentes do M.D.P. conseguiram emprego nas chapas do PSD, o com isso encorajaram a vida de mais um desses partidinhos de oca-são. Caio vai passar três meses de ferias na Europa, devendo sair por via aerea no dia 10 de agosto.

A JUSTICA CONTRA SALOMÃO

Outro que não consegue acertar a mão é Salomão Jorge. Deixou o PSD quando parecia que Caio era o novo Deus. Quando Caio afundou largou-o rapidamente, e reingressou no PSD. Mas da lista de candidatos do PSD não constava o seu nome, de modo que de novo verificou que

seus ideais não eram os daquele parão. Passou-se, agora, para Borghi, o que dependeu em sua chapa de deputados.

Salomão, porém, fez antes uma bela choradaria no recinto da Assembleia Legislativa. Contou longamente a história que vai acima resumida, disse que Adhemar é um ingrato, que fôr ele, Salomão, que elegeu Adhemar, ele que pagava a propaganda, ele que redigiu os anúncios, ele que, ele que, ele que,

HIAS ESTREPOU-SÉ

Mais que o azar bafejou em cheio foi Bias Fortes, que perdeu o posto de Presidência da República, perdeu depois o da vice-presidência, perdeu agora o de governante do Minas. Três vezes desclassificado, Juscelino Kubitschek, antigo prefeito do Belo Horizonte no tempo de Getúlio, é o candidato do PSD ao governo de Minas Gerais.

GETULIO FAZ CERA

Os jornais ademaristas chegam a marcar a data da viagem de Getúlio a São Paulo este mês, mas depois anotaram. Está difícil desvendar o homem de sua fundo. Getúlio sempre foi muito medroso, jamais enfrentou os acontecimentos nem quando era fortemente amparado, vai sempre adiando a hora de começar a campanha e surgiu daí as notícias de que ainda poderia desistir de sua candidatura. Nessa hipótese, como manda a logística esquerdistas da política brasileira, apoiaria o nome do Brigadelro.

CARIMBADO O SIGMA NO LENÇO BRANCO

E vivemos o coroamento da ira-tuiva que se processavam, verificando-se o apoio da Ação Integralista de que russas idéias políticas coincidem com as do Plínio Salgado. Por esse golpe de magia, saem os integralistas de seus oscorridos quinta-colunistas e são guindados ao estado-maior da campanha brigadeirista. Ganhando um punhado de votos fascistas. Eduardo Gomes atirou fogo, com o mesmo gesto, centenas de milhares de votos de democratas. Ganhou, sem dúvida, uma tropa de choque sem escrupulos e sedenta de sangue do povo. De seu lado, a UDN, que pagou pela compra dos integralistas o preço de seu apoio aos dois candidatos fascistas e senador por Minas e Rio Grande, destruiu literalmente todo o sentido que poderia dar à própria campanha. Qual é o outro argu-

mento a favor do Brigadeiro, a não ser o de que se trate de um autêntico democrata? E como apresentar como democrata o candidato profissional dos fascistas?

A IGREJA CONVERTE-SE A BORGHI

Como se sabe, a Igreja Católica tem um alto apreço pela moralidade pública e particular, sendo intrinsecamente nas questões que as afetam. Forissimo mesmo era natural que apoiasse a Borghi, cujo caráter ilibado é coisa de denúncia pública. Mas ficava meio difícil proclamar isso, sem chocar-se com os outros padres. A entrada de Ataliba Nogueira para a chapa de Borghi, como candidato a vice-governador, ilicitou as coisas, pois Ataliba é conhecido como um dos mais expressivos carolas nacionais. Então, considerada a adesão de Ataliba a Borghi, o cardeal d. Carmelo deu entrevista dizendo que Ataliba é otimo e deve ser eleito. Como ele está na chapa de Borghi, a conclusão fica fácil.

CAFE' COM GETULIO?

E' uma das ultimas que está falando, mas parece que vai acontecer. Café Filho, aquele valente lutador contra a ditadura getulista, está a iminência de lambem vir afugindo o seu prego, que seria a vice-presidência na chapa com Getúlio. Um a um, os resistentes vão entregando os postos. Uma a uma, as barreiras vão caindo. Essa gente está brincando com o ódio popular. Este se acumula durante muito tempo, mas um dia estoura. E quando estoura, escura mesma. Depois vai dizer que violência não vale.

Partido Socialista, temos levado a ofício a unica luta permanente contra o integralismo: nós, e apenas nós. (Por isso mesmo disse o sr. Plínio que somos a pele do cão de guarda disfarçado de lobo comunista...) Em Araraquara, por exemplo, Renato Rocha, praticamente sozinho, tem enfrentado com fibra admirável e reduzido a desmoralização o forte agrupamento fascista da cidade. E muitos socialistas, muito democratas, tem corrido da nossa porta em perder tempo com um partido sem futuro como o P.R.P. Ai estão os fatos recentes para nos dar razão mais uma vez.

Se combatemos os integralistas é por sabermos como se entrosam no arcoabuço geral da opressão burguesa e como são, forçosamente, utilizados à guisa de tropa de choque nas horas de reação mais acentuada. O esquema de agora não é difícil: guerra na Coréia, perigo de guerra generalizada, defesa do cofre forte, apoio à tutela americana, repressão à democracia, reforço policial. E' pola a hora de os burgueses liberais se abraçarem ao fascismo, com medo das reivindicações populares e sem a preocupação que têm nos períodos mal curmos — de passar por democracias.

BRIGADEIRO VERDE

Antonio Cândido

mento as verdadeiras implicações da democracia burguesa. Para essa, com efeito, o fascismo é o curso normal de sobrevivência, embora seja por vezes plena egradável a angústia. Por isso mesmo é chamado de "remédio energético". Para os partidos burgueses, é o convívio ideal, de vez que (sobretudo nas etapas iniciais) vale por um cão de fila da ordem — e a ordem é o alvo supremo do burguês, que, se for possível, ainda acalmará por suprimir o progresso da bandeira nacional... Daí esta união revolucionária, que agora pressentimos.

Assim, pois, caiu a máscara — a fragil máscara que para alguns democratas de boa vontade distorceu a cara da UDN, tornando-a mais bonita. E o resultado é o alvo supremo do burguês, que, se for possível, ainda acalmará por suprimir o progresso da bandeira nacional... Daí esta união revolucionária, que agora pressentimos.

Assim, pois, caiu a máscara — a fragil máscara que para alguns democratas de boa vontade distorceu a cara da UDN, tornando-a mais bonita. E o resultado é o alvo supremo do burguês, que, se for possível, ainda acalmará por suprimir o progresso da bandeira nacional... Daí esta união revolucionária, que agora pressentimos.

RIO (Da sucursal) — A opinião pública realmente democrática da Nação ainda continua estacada com o acordo firmado pelo sr. Eduardo Gomes com os integralistas do P.R.P. A todos se afigura que a UDN, causada de estar fora do poder, resolveu passar ao sr. Plínio Salgado um atestado de identidade democrática, a fim de conseguir eleger o presidente da República.

A reação mais violenta até agora experimentada no Distrito Federal, afora a condenação veemente que os socialistas, como era de se esperar, fizeram do estranho combate a favor do sr. Carlos Lacerda, diretor de jornal "A Tribuna da Imprensa" e prestigioso orador identista no Rio de Janeiro. Em energéticas cartas-abertas dirigidas ao Brigadeiro e ao presidente da UDN, nacional, o sr. Carlos Lacerda denunciava o acordo como

contrário ao praticar a política de que os fins justificam os meios — tantas e tantas vezes ensinado nos comunistas pelo mesmo jornalista como inoral e falso.

Tudo isto é elucidativo e cheio de consequências.

O integralista foram oficialmente adotados pela burguesia liberal como aliados. Na medida limitada das nossas forças, nós do

contrário, não praticamos a política de que os fins justificam os meios — tantas e tantas vezes ensinado nos comunistas pelo mesmo jornalista como inoral e falso.

uma traição aos ideal democráticos do partido e aos compromissos assumidos com a Nação pelo sr. Eduardo Gomes. Como consequência, o combativo jornalista dedicou-se da UDN, e desabrigou-se de qualquer compromisso com o candidato dos integralistas.

AS BASES DO ACORDO

Muito embora não tenham sido dadas a público as bases sobre as quais os integralistas e o brigadeiro se entenderam, murmurava-se nos

círculos políticos que eles envolviam compromissos mais positivos que o simples reconhecimento, por Eduardo Gomes e a UDN, do caráter democrático dos integralistas. Tendo como certo, por exemplo, que o Brigadeiro será registrado no Superior Tribunal Eleitoral como candidato próprio do P.R.P., o que sem dúvida significa uma vitória política de Incentável valor para os neo-fascistas brasileiros.

Outro ponto, esse ao que estamos informados, não escrito, mas assentado oralmente entre o Brigadeiro e Plínio Salgado, é de que, caso se faça necessário, o ex-revolucionário de 1932 não hesitará em mover cerrada oposição aos socialistas, nos quais os integralistas reconheciam seus maiores perigos inimigos, em virtude da coerência política demonstrada até hoje pelo partido do Socialismo e da Liberdade.

DENUNCIA VEEMENTE DOS SOCIALISTAS

Dois partidos políticos organizados no país, foram os socialistas aqueles que compreenderam em todo o seu alcance o perigo do acordo entre a UDN e o P.R.P. Nesse sentido, o manifesto que a Comissão Executiva Nacional do Partido Socialista distribuiu à imprensa vê com clareza a situação, (Conclui na pag. 14)

O PLANO DE ADHEMAR

POLÍTICA NACIONAL

seus ideais não eram os daquele parão. Passou-se, agora, para Borghi, o que dependeu em sua chapa de deputados.

Salomão, porém, fez antes uma bela choradaria no recinto da Assembleia Legislativa. Contou longamente a história que vai acima resumida, disse que Adhemar é um ingrato, que fôr ele, Salomão, que elegeu Adhemar, ele que pagava a propaganda, ele que redigiu os anúncios, ele que, ele que,

HIAS ESTREPOU-SÉ

Mais que o azar bafejou em cheio foi Bias Fortes, que perdeu o posto de Presidência da República, perdeu depois o da vice-presidência, perdeu agora o de governante do Minas. Três vezes desclassificado, Juscelino Kubitschek, antigo prefeito do Belo Horizonte no tempo de Getúlio, é o candidato do PSD ao governo de Minas Gerais.

GETULIO FAZ CERA

Os jornais ademaristas chegam a marcar a data da viagem de Getúlio a São Paulo este mês, mas depois anotaram. Está difícil desvendar o homem de sua fundo. Getúlio sempre foi muito medroso, jamais enfrentou os acontecimentos nem quando era fortemente amparado, vai sempre adiando a hora de começar a campanha e surgiu daí as notícias de que ainda poderá desistir de sua candidatura. Nessa hipótese, como manda a logística esquerdistas da política brasileira, apoiaria o nome do Brigadelro.

CARIMBADO O SIGMA NO LENÇO BRANCO

E vivemos o coroamento da ira-tuiva que se processavam, verificando-se o apoio da Ação Integralista de que russas idéias políticas coincidem com as do Plínio Salgado. Por esse golpe de magia, saem os integralistas de seus oscorridos quinta-colunistas e são guindados ao estado-maior da campanha brigadeirista. Ganhando um punhado de votos fascistas. Eduardo Gomes atirou fogo, com o mesmo gesto, centenas de milhares de votos de democratas. Ganhou, sem dúvida, uma tropa de choque sem escrupulos e sedenta de sangue do povo. De seu lado, a UDN, que pagou pela compra dos integralistas o preço de seu apoio aos dois candidatos fascistas e senador por Minas e Rio Grande, destruiu literalmente todo o sentido que poderia dar à própria campanha. Qual é o outro argu-

mento a favor do Brigadeiro, a não ser o de que se trate de um autêntico democrata? E como apresentar como democrata o candidato profissional dos fascistas?

Partido Socialista, temos levado a ofício a única luta permanente contra o integralismo: nós, e apenas nós. (Por isso mesmo disse o sr. Plínio que somos a pele do cão de guarda disfarçado de lobo comunista...) Em Araraquara, por exemplo, Renato Rocha, praticamente sozinho, tem enfrentado com fibra admirável e reduzido a desmoralização o forte agrupamento fascista da cidade. E muitos socialistas, muito democratas, tem corrido da nossa porta em perder tempo com um partido sem futuro como o P.R.P. Ai estão os fatos recentes para nos dar razão mais uma vez.

Se combatemos os integralistas é por sabermos como se entrosam no arcoabuço geral da opressão burguesa e como são, forçosamente, utilizados à guisa de tropa de choque nas horas de reação mais acentuada. O esquema de agora não é difícil: guerra na Coréia, perigo de guerra generalizada, defesa do cofre forte, apoio à tutela americana, repressão à democracia, reforço policial. E' pola a hora de os burgueses liberais se abraçarem ao fascismo, com medo das reivindicações populares e sem a preocupação que têm nos períodos mal curmos — de passar por democracias.

As BASES DO ACORDO

Muito embora não tenham sido dadas a público as bases sobre as quais os integralistas e o brigadeiro se entenderam, murmurava-se nos

círculos políticos que eles envolviam compromissos mais positivos que o simples reconhecimento, por Eduardo Gomes e a UDN, do caráter democrático dos integralistas. Tendo como certo, por exemplo, que o Brigadeiro será registrado no Superior Tribunal Eleitoral como candidato próprio do P.R.P., o que sem dúvida significa uma vitória política de Incentável valor para os neo-fascistas brasileiros.

(Conclui na pag. 14)

LUTA nos SINDICATOS

Proteção legal ao homem do campo - II

Problema de luta e organização a melhoria das condições de vida

Em nota anterior, desta folha, expusemos quais as garantias asseguradas, presentemente, na legislação trabalhista brasileira, aos trabalhadores rurais. Vimos que, embora não sejam muito amplas, essas garantias representam alguma coisa de positivo, algumas conquistas que, se vigorassem na prática, poderiam atenuar um pouco o estado de miséria, de opressão e desamparo em que se encontra a massa rural, formadora do grosso da população do Brasil.

As poucas garantias que a legislação trabalhista assegura aos trabalhadores rurais não existem na prática, pois os fazendeiros até hoje não tomaram conhecimento das obrigações que a lei lhes impõem, em relação nos seus empregados. No Estado de São Paulo, raríssimos são os fazendeiros que concedem ferias aos seus empregados nas fazendas. Há cerca de dois anos, a Comissão Municipal do Partido Socialista em São Paulo realizou uma espécie de inquérito na região, compreendendo vários municípios próximos e valendo-se de dados colhidos pelas próprias repartições oficiais. O resultado foi o mesmo em todos os lugares investigados: nenhum fazendeiro concede ferias aos empregados das fazendas.

Exploração fundada na ignorância da lei

Quanto à aplicação da lei de acidentes do trabalho, a situação não difere muito. Poucos são os fazendeiros que mantêm seguros contra risco de acidentes do trabalho para seus empregados. Não há muito tempo, tivemos oportunidade de testemunhar pessoalmente, a falta da aplicação da lei de acidentes no campo: um jovem caboclo, empregado em uma fazenda na zona da Paulista, tivera a mão direita gravemente atingida quando trabalhava numa máquina de moer cana, daí resultando ficar sem três dedos. O fazendeiro mandara fazer os cirúrgicos necessários no rapaz e, após a alta do tratamento lhe dera um "dinheiro", duzentos ou quinhentos cruzados, ao que parece. O empregado alegando sentimento de muito agrado, pelo "bonde" demonstrada pelo patrão, não lhe ocorreu, sequer, a ideia de reclamar a indenização legal, que o patrão teria de pagar, o que importaria em cinco ou seis mil cruzados.

Se alguém disser a qualquer fazendeiro que ele está obrigado a pagar os domingos e fériados aos seus colonos e demais empregados da fazenda, desde 14 de Janeiro de 1949, e que qualquer trabalhador rural poderá reclamar o pagamento dos salários atrasados dos dias de folga, desde aquela data, esse fazendeiro ficará espantado e considerará o fato um absurdo desonrante. Até agora, pelo que sabemos, não houve, em todo o Brasil, um só caso de fazendeiro que pagasse aos seus colonos e demais empregados, a remuneração dos dias de descanso. Entretanto, a obrigação existe, na lei, é bem clara.

Por isso se vê, como já dissemos em nota anterior, que o problema de melhoria das condições de trabalho no campo não é tanto um problema de aperfeiçoamento da legislação trabalhista, no sentido de estender aos trabalhadores rurais as garantias que já são asseguradas aos trabalhadores das demais categorias. O problema consiste em tornar efetivas as garantias que já existem na legislação e as que vierem a ser obtidas.

Causas da ausência da aplicação da lei

A falta de aplicação prática das garantias legais asseguradas aos trabalhadores rurais tem causas diversas. Entre elas podem ser apontadas:

1.º) — O atraso social. As massas sociais, pelo isolamento em que vivem, em relação ao progresso dos grandes centros urbanos e pela própria natureza do trabalho, todo ele executado através de métodos antiquados, não adquiriram, ainda, espírito de coletividade, esse senso de comunidade que é a consciência de direitos e força para reivindicá-los nos indivíduos que a possuem. O trabalhador rural sente-se só e desamparado diante do poderoso dono da terra. O tipo de vida no campo, a tradição da exploração rural em muito contribui para manter essa situação. O trabalhador rural em regra mora na colônia da fazenda, que é uma comunidade muito restrita e que permanece sob a vigilância e a direção do patrão, do dono da fazenda. A casa de moradia de colono, do empregado da fazenda, é um prolongamento do trabalho de forma que nem mesmo fora das horas de serviço tem ele o opportunity para uma vida social mais larga, em coletividades humanas mais amplas, que possam desenvolver-lhe a consciência social;

2.º) — A tradição caudilheira reinante no campo. Ainda permanece muito a tradição de tipo feudal, segundo a qual o dono da terra, o fazendeiro, é o "chefe", o "coronel" (no tempo do Brasil-colônia e do Império, os donos das terras formavam a guarda cívica, incumbida de manter a ordem local e obtinham títulos de coronel ou outros equivalentes, como comandantes da referida "guarda"). Essa tradição caudilheira se mistura com a tradição da política burguesa conservadora, que é a dominante no Brasil, toda ela feita e movimentada por grandes fazendeiros ou políticos profissionais por ele controlados. Os donos da terra, como sempre foram os donos da política, os senhores de muitos eleitores, sempre se asseguraram uma espécie de imunidade contra os avanços sociais das classes trabalhadoras. E essa mentalidade persiste em quasi todo o interior do Brasil.

3.º) — A ausência de aparecimento fiscal e de sanções legais efetivas para os fazendeiros. Até hoje não existiu, no Brasil, um aparecimento fiscal que exercesse sanções contra os fazendeiros não cumpridores das leis, em relação às condições de trabalho nos campos. O aparelhamento fiscal do Ministério do Trabalho só existe para o comércio e a indústria onde, apesar de muito incerteza e corrompido, sempre exerce uma certa ação coativa sobre os patrões. Os fazendeiros que deixam de cumprir a legislação trabalhista vigente não estão sujeitos a multas

Se o empregador coloca à disposição do empregado a indenização proporcional ao seu tempo de serviço, às vésperas de alcançar o mesmo estabilidade, age em fraude à lei.

(Ac. do T.S.T.)

Ameaça de greve

ARMA LEGAL PARA AUMENTO DE SALARIOS

Como consegui-lo à revelia dos bonzos que dominam os sindicatos operários

A função primordial dos sindicatos, em todos os países e em todos os tempos, foi sempre a da luta diária por melhores condições de vida e de trabalho para os seus filiados. A assistência médica, jurídica e hospitalar foi quase sempre relegada a um plano secundário por tais entidades.

No Brasil, entretanto, com a subordinação dos sindicatos ao Ministério do Trabalho, inverte-se a sua função primordial. Passaram eles, de órgãos de defesa dos trabalhadores, a meras repartições assistenciais, com todas as deficiências peculiares a tais órgãos quando não dispõem dos necessários recursos para o bom desempenho de suas funções. E, com isso, quem ganhou foram os patrões, que ficaram, com as mãos livres para escorrer a massa trabalhadora com jornadas extenuantes de trabalho pagas com salários de fome. Hoje, o que se vê entre nós, é o operário obrigado a trabalhar dez, onze e até doze horas por dia, a fin de obter, na compensação dos extraordinários, uma melhoria do salário miserável que percebe, salário há muito ultrapassado pela elevação do custo de vida.

As tabelas de aumento conseguidas em dissídios coletivos, há dois, três e quatro anos, não são reembolsadas pela Justiça do Trabalho, porque, pelo recuo das assembleias, os burocratas sindicais não tomam nenhuma iniciativa nesse sentido, e, quando são premidos a tomar, o DET ou a Delegacia de Orden Social se incumbem de proibir tais assembleias, sob o pretexto de que haverá infiltrações comunistas etc.

O resultado disso tudo, como não poderia deixar de acontecer, é que o salário real do operário se reduz dia para dia com a constante elevação dos preços, havendo fábricas como a Lacta, por exemplo, de propriedade do sr. Athos de Barros, aliado do "pai dos pobres", que não aumenta o salário de seus operários há cerca de quatro anos...

Que fazer, pois, para superar tal situação? A greve, direito assegurado na Constituição, seria o legítimo recurso que deveriam aplicar os trabalhadores. Mas, os Tribunais do Trabalho entendem assim que esse recurso, não é um direito, mas um crime. E, por isso, os operários que recorrem à greve estão sujeitos a serem despedidos sem indenização.

Mas, a mesma coisa não acontece com a simples AMEAÇA DE GREVE, expressamente prevista na lei, o famoso decreto-lei nº 2.077, como suspeitável de proporcionar a instauração de dissídio coletivo para obtenção de aumento de salário. Para tanto, bastaria uma representação ao DET ou à Procuradoria Regional do Trabalho, subscrita pelos interessados, ou o comparecimento destes, coletivamente, a essas repartições, discussão do projeto em que se encontram de paralisar o serviço se não forem satisfeitos em suas pretensões. Outro recurso seria a instauração de dissídio coletivo, DIRETAMENTE PELOS OPERARIOS, assistidos por advogado especializado em legislação trabalhista, conforme assegura a Consolidação das Leis do Trabalho.

Caro, pois, aos trabalhadores de São Paulo e do Brasil, diante da situação angustiosa a que foram relegados pelo desvirtuamento de seus órgãos de defesa — os sindicatos — procurar suprir, pela sua própria união e iniciativa, a inércia e espírito econômico das atuais dirigentes sindicais. — P. M.

MODIFICAÇÕES NA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

O deputado Segadas Viana apresentou na Câmara Federal propostas modificando certos dispositivos da legislação trabalhista. Entre outras causas regulamenta a profissão de empregadas domésticas e a de motorista de automóveis particulares; para estas, estabelece limite máximo de dez horas de trabalho diário, podendo o empregador dividir esse trabalho em duas turnas, com intervalo de quatro horas.

Outro dispositivo excluirá categoria de jornalista amador, a fim de que os autênticos profissionais sejam defendidos da concorrência dos primeiros.

Salários de jornalistas:

NOVO PROJETO DE AUMENTO

Propostas levadas pela delegação paulista à Com. Permanente do III Congresso

Comunicam-nos do Sindicato dos Jornalistas:

Reuniu-se, no Rio, a Comissão Permanente do III Congresso Nacional de Jornalistas.

Nessa reunião, foi aprovado o projeto levado pelos delegados de São Paulo naquela comissão, projeto esse de majoração de salários que deverão ser apresentados, den-

tro de poucos dias, na Câmara Federal.

As arrestas mais perigosas do chamado "projeto Café Filho" foram revistas e apuradas, permanecendo, no entanto, a mesma tabela de São Paulo, a tabela ministral de salários é a seguinte: diretor, Cr\$ 8.000,00; redator-chefe, Cr\$ 7.000,00; secretário, Cr\$ 7.000,00; subsecretário, Cr\$ 6.000,00; redator, Cr\$ 3.000,00; redator-auxiliar, Cr\$ 2.700,00; reporter, Cr\$ 2.500,00; reporter auxiliar, Cr\$ 2.000,00; revisor, Cr\$ 2.300,00; ilustrador ou desenhista, Cr\$ 2.300,00; fotógrafo, Cr\$ 2.300,00; arquivista ou bibliotecário, Cr\$ 2.300,00.

Essa tabela se refere, apenas, ao período normal de trabalho do jornalista, isto é, de 5 (cinco) horas.

CONTRA falsos jornalistas a diretoria do sindicato

Comunicam-nos do Sindicato dos Jornalistas:

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas tomou medidas práticas contra os falsos jornalistas.

Apostou as nomes desses aproveitadores à Secretaria da Fazenda, para que os mesmos fossem obrigados a recolher os impostos de que haviam ficado, ilegalmente, isentos.

Por outro lado, oficiou ao diretor do D.T.T., denunciando os jornais que estão fornecendo atestados gráficos a terceiros.

Essas medidas práticas estão surtindo o efeito esperado.

De todo o país, estão chegando informações de que as entidades jornalísticas dos demais Estados estão seguindo de modo similar.

Trabalhador rural! A lei facilita-lhe os direitos de cobrar ferias, desconto semanal remunerado, indenização por acidente no trabalho; de exigir do fazendeiro condições higiênicas de habitação, facilidades para a instrução de seu filho e proteção à sua mulher no período da gravidez! Entretanto, o fazendeiro não cumple a lei. Obrigue-o a satisfazer as exigências legais, dirigindo-se aos representantes do Partido Socialista Brasileiro em sua localidade. Exponha-lhes as suas queixas. Eles se incumbirão de defendê-lo e de obrigar o patrão a pagar-lhe o que lhe deve. Só o Partido Socialista Brasileiro é seu aliado, porque não tem qualquer compromisso com os exploradores do homem do campo.

Abuso e ilegalidade nas industrias de Itu

Conversando com os empregados

NOSSO DEVER PARA COM O TRABALHADOR

CID FRANCO

As dificuldades com que se edita este jornalista NOSSO JORNAL, este jornal socialista, são imensas. Mas como é bom termos nós, socialistas, uma folha para as verdades que devemos dizer, a luta que devemos travar, a doutrina que nos cumpre difundir!

Comparo este semanário que não tem anúncios de Light com aquele diário que me pediu uma entrevista sobre a Telefônica.

Sabem da coisa? Foi assim. Solicitada a entrevista, eu a escrevi englobando na crítica o trio Inter-tel: — Companhia do Gás, Light e Companhia Telefônica.

E fui levado à redação. Um dos seus orientadores, meu conhecido de longos anos, escritor e velho jornalista, depois de ler o que escrevi observou:

— Não podemos publicar. A Light nos deu um anúncio que deve sair por estes dias.

— Ah! E assim? — disse eu.

Vocês me pedem uma entrevista, eu escrevo a entrevista e vocês não publicam porque a Light faz anúncios no seu jornal? Está bem. Pois esse assunto agora é meu. É um fato. Uma prova. Uma prova de como a Light compra o silêncio de jornais que deveriam cobrarela.

Em discurso, contei o fato na Câmara. Transcrevi a entrevista em minha seção "Ómbro a ômbro", no jornal "A Hora", com uma nota explicativa.

O jornal que me pedira a entrevista não tuguia nem magrou.

— X —

Mas esse e outros órgãos da imprensa burguesa, vendidos ao grupo Light, servidores da "Brazilian Traction", são lidos por operários e empregados em geral, por uma porção de gente que sobre as consequências da exploração capitalista a não sabe como se libertar dessa escravidão.

Só jornais que publicam, em letras garradas, a cativante propaganda eleitoral dos defensores dos patrões, dos aventureiros transformados em "trabalhistas" e "populistas", a cativante propaganda dos candidatos de todos os partidos da burguesia.

Despolitzados, sem conciliação de sua classe e de sua força, mul-

tos empregados seduzidos por essa propaganda dos seus inimigos, seus adversários, porque os patrões e os defensores do capitalismo, sejam ou não sejam patrões, não podem deixar de ser adversários da lucrativa classe dos empregados.

Val andando pela rua um homem do povo, um trabalhador que nada sabe ainda do socialismo, isto é, do movimento político destinado a libertar a sua classe da escravidão do capitalista. Olhe um rosto de avião. Olha o céu e vê um aeroplano escrevendo um nome, com brancas nuvens de fumaça.

Que nome é? Pode ser, por exemplo, o nome do presidente da Associação Comercial, burguês de 400 anos, defensor coerto do capitalismo, da subabrigação protegida pelas leis burguesas.

E o trabalhador despolitzado, só porque achou bonito aquela avião escrevendo um nome no céu, é capaz de votar no candidato da classe inimiga.

O nosso dever de socialista é mostrar a diferença, a separação, o antagonismo entre os interesses dos capitalista, de um lado, e os interesses dos trabalhadores e da classe média, de outro lado. Os interesses dos que defendem a propriedade privada dos meios de produção e distribuição e os interesses dos que precisam abolir essa propriedade.

Quando a concepção desse antagonismo se transformar em concepção política, em doutrinação, em voto consciente de empregados contra empregadores, estaremos às portas de uma revolução socialista pacífica e democrática.

E ela há de vir, mais cedo ou mais tarde.

Após o encerramento da coleção de artigos, verificou-se que apenas 36 trabalhadores haviam optado pelos 5% sem assiduidade, enquanto mais de 900 preferiram receber os atrasados, apesar da espada de Damocles da assiduidade total.

Essa decisão dos trabalhadores ituanos, encerrando mais um capítulo da luta heroica que vêm man-

Repelem os empregados da Cia. São Pedro, absurdas propostas patronais lesivas aos seus direitos — Violenta reação dos patrões

ITU (Da sucursal) — Em dias do mês passado, realizou-se a assembleia do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Itu, 600 trabalhadores, para estudar uma proposta da Cia. de Fiação e Tecelagem de Itu, sobre a questão do pagamento dos salários atrasados. A assembleia compareceram mais de 500 trabalhadores inscritos.

A PROPOSTA PATRONAL — Como é sabido, os trabalhadores de Itu ganharam um dissídio coletivo para aumento de seus ordenados. A Cia. São Pedro até hoje entretanto, não cumpriu o acordo do Superior Tribunal do Trabalho relativo ao aumento de salários. Nessa reunião do Sindicato dos Trabalhadores, foi apreciada a proposta patronal para a solução da pendência.

A Cia. São Pedro proponha o seguinte: 5% de aumento sobre os salários atuais, sem assiduidade, ficando a companhia dispensada do pagamento dos atrasados. Quanto aos trabalhadores que não estivessem de acordo com essa proposta, a Cia. pagaria os atrasados, aplicando porcentagem a clausula de assiduidade total rigorosamente.

A RESPOSTA DOS TRABALHADORES — Submetida a carta a discussão, falou a operária Maria Benedicta Emlia que, depois de argumentar que os salários atrasados constituiriam um direito adquirido pelos trabalhadores, propôs que eles fossem recebidos de acordo com a decisão do Superior Tribunal do Trabalho, armando cada um com as consequências da "assiduidade total". Apesar de falar outros trabalhadores, foram feitas duas listas nas quais cada um assinava de acordo com seu ponto de vista.

DERROTADA A PRETENSÃO PATRONAL — Deontos por IMPERFEIÇÕES — Consistente as multas no desconto sobre o salário do valor do tecido com defeitos. As menores imperfeições são pretextos para que uma peça de tecido seja descontada no orçamento do operário.

As multas cessaram. Entretanto, agora que, em movimento vitorioso conseguiram os operários promessa formal de pagamento da majoração de salário decretada há 2 anos pelo Tribunal de Trabalho, voltaram as multas para anular essa vantagem.

Por que insistir então nas multas? Porque as multas são um meio de contrabalançar o aumento do salário, sofismando a sentença do Tribunal.

EM AÇÃO OS TRABALHADORES — Não podem os operários evitá-las com defeitos de produção porque, em grande parte, dependem das máquinas. Consequentemente não escapam das multas.

Contra este estado de coisas, os revolto os operários explodiram e o Sindicato já se move em defesa de seus direitos.

— IX —

Emenda no 1

Acrescente-se a "a julgo de respeitável chefe de serviço", isto é, com recurso à autoridade superior ao prefeito.

Razão: Visa este acrescentamento evitar que o cíbito dos chefes imediatos seja a única balança para julgar a ilegitimidade de faltas dos operários.

— X —

Emenda no 10

No artigo 22, deve-se substituir "3 dias" por "8 dias".

Razão: Morta de mulher, pai, mãe ou filho de um operário traz a mesma tristeza que a sente um funcionário.

Não há razão alguma para que se entenda que o nojo do extra-numerário diariamente ou tardeiro deve durar menos que o dos demais servidores. Operários, como funcionários, têm sentimentos, paixões, angustias e dificuldades tão repercutíveis quanto as de qualquer ser humano. Ademais, cumpre o poder público dar exemplo, e, portanto, não establecer condições que repugnam à natureza dessas coisas.

— XI —

Emenda no 11

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XII —

Emenda no 12

No artigo 22, deve-se substituir "3 dias" por "8 dias".

Razão: Morta de mulher, pai, mãe ou filho de um operário traz a mesma tristeza que a sente um funcionário.

Não há razão alguma para que se entenda que o nojo do extra-numerário diariamente ou tardeiro deve durar menos que o dos demais servidores. Operários, como funcionários, têm sentimentos, paixões, angustias e dificuldades tão repercutíveis quanto as de qualquer ser humano. Ademais, cumpre o poder público dar exemplo, e, portanto, não establecer condições que repugnam à natureza dessas coisas.

— XIII —

Emenda no 13

Acrescente-se ao artigo 13: Letra "e": por motivo de consultas medicas do operário, sua mulher, seus ascendentes ou descendentes.

Razão: O cuidado que um operário, ou pessoa da família, destes exige, no que concerne à saúde, deve ser tão sagrado quanto já o é o que é dispensado ao funcionalismo. Não é a menor desconsideração que demanda cuidados. A lenitiva dela também.

— XIV —

Emenda no 14

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XV —

Emenda no 15

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XVI —

Emenda no 16

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XVII —

Emenda no 17

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XVIII —

Emenda no 18

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XIX —

Emenda no 19

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XX —

Emenda no 20

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXI —

Emenda no 21

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXII —

Emenda no 22

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXIII —

Emenda no 23

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXIV —

Emenda no 24

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXV —

Emenda no 25

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXVI —

Emenda no 26

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXVII —

Emenda no 27

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXVIII —

Emenda no 28

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXIX —

Emenda no 29

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXX —

Emenda no 30

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXI —

Emenda no 31

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXII —

Emenda no 32

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXIII —

Emenda no 33

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXIV —

Emenda no 34

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXV —

Emenda no 35

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXVI —

Emenda no 36

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXVII —

Emenda no 37

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXVIII —

Emenda no 38

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXIX —

Emenda no 39

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

Razão: Estabelecer a contagem de quinquênios a partir da lei, como vem no artigo 30 é fazer a lei vigorar, nesse ponto, depois de cinco anos da sua vigência. A Comissão de Justiça no parecer 67/50 não teve em conta que o benefício da licença-premio não pode ser dado nesse caso.

— XXXX —

Emenda no 40

Acrescente-se no artigo 30, depois de "metade", este inciso: "ficando com direito de gozar o benefício previsto neste artigo no 10 quinquenio".

DEMOCRACIA E DITADURA

Rosa Luxemburg

Analisando, em sua obra, "A Revolução Russa", escrita em 1918, as realizações positivas e negativas da Revolução de Outubro, escreve Rosa Luxemburg a propósito da "ditadura do proletariado":

"Não consideramos ainda a supressão das principais garantias democráticas de uma vida pública sa e da atividade política das classes operárias; a liberdade de imprensa, de associação e de reunião, totalmente suprimida para todos os adversários do governo dos soviets. A argumentação de Trotsky sobre o peso dos corpos democráticos eleitos é completamente insuficiente para justificar a supressão desses direitos. Ao contrário, é um fato absolutamente incontestável que sem liberdade ilimitada de imprensa, sem inteira liberdade de reunião e de associação, é inconcebível o governo das grandes massas populares.

Lenin diz: o Estado burguês é um instrumento de opressão da classe operária e o Estado socialista um instrumento de opressão da burguesia. E de certo modo o Estado capitalista de cabeça para baixo. Esta concepção simplesmente é essencial: se a diminuição de classe da burguesia não tinha necessidade de uma educação política das massas populares, pelo menos além de certos limites bastante estreitos, para a ditadura proletária, ao contrário, ela é o elemento vital, o ar sem o qual esta não poderá viver.

"Gracias à luta aberta e direta pelo poder, as massas trabalhadoras acumulam em pouco tempo uma experiência política considerável, e sobem rapidamente, em sua evolução, de um degrau a outro".

Aqui, Trotsky refuta-se a si mesmo, refutando, ao mesmo tempo, seus amigos. Justamente porque isto é verdade, eles obtinham a fonte da experiência política e do desenvolvimento ao suprimirem toda vida pública. Ou será preciso admitir que a experiência e o desenvolvimento, necessários até à tomada do poder pelos bolcheviques, atingiram, então seu apogeu e se tornaram superfluous?

Na realidade, tudo é o contrário. São justamente as tarefas gigantescas, às quais os bolcheviques se apegaram com coragem e resolução, que necessitavam da mais intensa educação política das massas e de uma acumulação de experiências impossíveis sem liberdade política.

Liberdade somente para os partidários do governo, para os membros de um partido, por numerosos que sejam, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa de modo diferente. Não por fanatismo da "justiça", mas porque tudo quanto há de instrutivo, de salutar e purificante na liberdade política, prende-se a isso e perde sua eficácia quando a "liberdade" se torna um privilégio.

A teoria da ditadura, segundo Lenin-Trotsky, admite tacitamente que a transformação socialista é uma etapa para a qual o partido da Revolução tem no bojo uma receta imediatamente pronta e que não se trata senão de aplicá-la com energia. Infelizmente — ou felizmente, se quisermos — não é assim. Bem longe de ser uma soma de prescrições feitas, que não teriam mais do que ser aplicadas, a realização prática do socialismo como sistema econômico, jurídico e social, é algo que fica completamente envolto nas brumas do futuro. O que temos em nosso programa não são mais, tão somente, grandes marcos orientadores, que indicam a direção geral a seguir — indicações, aliás, da ura caráter sobre todo negativo. Sabemos mal os menos o que preliminarmente devemos suprir no sentido de deixar o caminho livre para a economia socialista. Ao contrário, nenhum programa de partido, nenhum manual de socialismo pode indicar de que espécie serão as milhares de grandes e pequenas medidas concretas que têm em vista introduzir os princípios socialistas na economia, no direito, em todas as relações sociais. Não é uma inferioridade, mas justamente uma superioridade do socialismo científico em relação ao socialismo utópico, considerar que o socialismo não deve e nem pode ser mais do que um produto histórico nascido da própria escola da experiência, no momento das realizações da marcha viva da história, que, exatamente como a natureza orgânica da qual afinal é uma parte, tem o bom hábito de sempre crescer, como uma verdadeira necessidade, os meios de satisfazê-la, a solução com o problema. E assim sendo é claro que o socialismo, segundo sua propria essência, não pode ser outorgado, introduzido por decreto. Ele supõe toda uma série de medidas violentas contra a propriedade, etc... O que é negativo, a destruição, pode-se decretar; não se pode decretar o que é positivo: a construção. Terças virgens. Problemas para milentos. Só a experiência é capaz de fazer os corretivos necessários e de abrir novos caminhos. Só uma vida intensa, imediatamente livre, realiza milhares de forças e improvisações novas, recebe uma força criadora e corrige ela mesma suas próprias falhas. A vida pública dos Estados de liberdade limitada é tão pobre, tão esquemática, tão infeliz, precisamente porque, excluindo a democracia, ela fecha a fonte viva de toda a riqueza e de todos os progressos intelectuais.

O erro fundamental da teoria Lenin-Trotsky está justamente em que, tal como Kautsky, eles opõem democracia à ditadura. "Ditadura ou Democracia?", assim se coloca a questão, tanto para os bolcheviques como para Kautsky. Esse último, bem entendido, pronuncia-se pela democracia burguesa, pois a contrapõe à transformação socialista. Lenin e Trotsky, ao contrário, pronunciam-se pela ditadura de um punhado de pessoas, quer dizer, pela ditadura segundo o modelo burguês. Eis aí dois polos opostos, distantes um e outro da verdadeira política socialista. O proletariado, uma vez no poder, não pode, segundo o bom conselho de Kautsky, renunciar à transformação socialista, sob o pretexto de que "o país não está maduro" e votar-se apenas à democracia, sem se tratar a si próprio e semi traír, ao mesmo tempo, a International e a Revolução. Ele tem justamente o dever e a obrigação de se entregar imediatamente à aplicação das medidas socialistas da maneira mais energica, inexorável e brutal, por conseguinte, de exercer a ditadura, mas uma ditadura de classe e não de um partido ou grupo, ditadura de classe com a mais ampla popularidade e a participação maisativa e ilimitada das massas populares em uma democracia completa.

"Como marxistas, não temos sido jamais idolatrados da democracia formal", escreve Trotsky. Por certo, não temos sido jamais idolatrados do socialismo e do marxismo. Resultaria disso que, como Cynow-Lensek-Parvus, teríamos o direito de pôr de lado o socialismo e o marxismo quando eles nos atrapalham? Trotsky e Lenin são a negação viva dessa questão. Que não temos sido jamais idolatrados da democracia formal, não quer dizer senão uma coisa: sempre fizemos distinção entre o núcleo social e a forma política da democracia burguesa; sempre desvendamos o duro nucleo da desigualdade e da servidão social, acobertado pelo seu envolvimento da igualdade e liberdade formais, não para rejeitá-las, mas para inclinar a classe operária a não se contentar com elas e a tomar o poder político para encher o envolvimento de um conteúdo social novo.

O Governo rouba o povo para lhe

O AUMENTO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS TRABALHADORES AOS IAPS É UMA FARSA DENTRE A CONSTRUÇÃO DE APARTAMENTOS DESTINADOS A BUROCRATAS BEM PÁ



Longo do atender às suas finalidades sociais, os IAPS continuam a construir

O governo Dutra tem a virtude de achar à escancaração e ao logro, a incompetência de seus ministros. O general Dutra interveio durante meses nas confabulações que os partidos burgueses mantinham, a fim de impor um candidato seu. Interveio no próprio partido que o elegera. Namorou os integralistas. Meteu-se na cabeça a ideia de construir obras que as finanças do país não podem sustentar. Quis fazer uma demagogia semiprotetarista, e botou no Ministério do Trabalho um homem que detesta os trabal-

hadores, pois deles só queria fazer-se conhecido para candidatar-se nestas eleições. O general Dutra e seu gabinete somaram aos erros, novos erros; encontraram o país corrompido, senti-devorado e exangue por obra dos abusos da ditadura getuliana, e agora, da machado à mão, durante cinco anos, esses ministros, com o general-presidente à testa se dedicaram, não a reconstruir mas a acabar a destruição de que havia ainda de pé. O programa de assistência social iniciado por Getúlio, que o bônus de Lindolfo Cor-

lor, era uma farça abjeta. O general Dutra e seus ministros continuam a representar essa mesma farça tragicada.

A CUSTA DO PROPRIO POVO

A lei, votada pelo Congresso, sobre a melhoria das pensões e apresentadoras dos "segurados" dos Institutos de Previdência Social já foi sancionada pelo general. Ela determina o aumento geral das apresentadoras e pensões atualmente em vigor. Ela significa um aumento, na despesa de previdência, de cerca de 800 milhões de cruzeiros. A custa de quem os legisladores — que só procuram, à ultima hora, depois de anos de conversa macia, de politiquem e exhibições de retórica, e na boca das eleições, conquistar alguns votos, arranjar novas simpatias — inventaram esse aumento? A custa dos patrões? A custa das autarquias? Não. Os legisladores, o general, os ministros fizeram um "favor" ao povo... A custa do próprio povo. A um assalto metódico, organizado, sob siglas misteriosíssimas, indecifráveis para a maioria dos trabalhadores deste país, o governo, a Câmara e os chefes dos IAPs, crescentemente mais um assalto.

O AUMTE

Estabelecido (n.o 1.126) agosto, as taxas do povo, serão 6%, nos cofres Industriais; 6% e meio, no IAP. Transportes e Timos.

Quem mais de "benefícios" para o vencimento, é: 6%; de m Cr\$ 500,00 — 5%; de m Cr\$ 500,00 — 5%

E depois veio: "a partir de nenhum instituto anualmente em mais de 2 e meio os salários seus seguidos cíclico anterior.

Esse é o artigo 1.126. Os artigos 1.127, 1.128, 1.129, 1.130, a oficina dos trabalhos é um ano artigo tem um dia: "dentro desse devido prazo ao governo. Sabe o general Dutra e saberão os legisladores papai-niqueu quanto deve o governo nos Institutos, do que sobram os rapias?"

Aumentando os benefícios dos IAPs, era preciso aumentar as verbas, as entradas: para o governo e os deputados burgueses não há problema — aumentem-se as contribuições dos trabalhadores nos diversos Institutos.

O sr. Adhemar de Barros tem sua

«Não deve a nossa economia permanecer no regime das orientações imediatistas»

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. PRESTES MAIA NA CONVENÇÃO ESTADUAL DO P. S. D.

No decorrer da Convenção Estadual do Partido Social Democrático, o sr. Prestes Maia, candidato de várias agremiações ao governo do Estado, pronunciou o seguinte discurso:

"Selhores dirigentes, Convencionais do Partido Social Democrático. Selhores representantes de todos os partidos políticos presentes. Meus senhores,

"É hoje para nós um dia de profunda satisfação cívica. Mas não é, propriamente, um dia de surpresa. Há um ano já, na verdade, sabíamos e aguardávamos este encontro. E isto porque, na topografia política, como na topografia do solo físico, o relevo resultante tanto das forças internas incertevas, como dos fatores externos de erosão, ostenta cumeadas, encostas e vales, que predominam o encaminhamento e a convergência das correntes. Correntes e até mesmo torrentes líquidas no relevo topográfico, correntes e por vezes imperativos violentos de opinião, no cenário político das nações.

"Pela proximidade das idéias, pela semelhança dos objetivos, pela inteligência análoga dos discursos, pelo amor comum à causa pública, jamais descremos da convergência que hoje se efetiva, e tanto mais correvel quanto expressão final dum pensamento democraticamente discutido e dum resolução amadurecida. E não significa pouco acentuá-lo, numa época em que as indicações políticas-eleitorais mais importantes ex-

ão suas teorias são profundamente dialeticas, surgentes dos enses, resultantes das controvérsias. Es-

"Mesmo aquela fruta estava latente no tronco augusto, e continua simplesmente a tradição de honra de união, que em Piratininga sempre se verificou, desde os tempos coloniais, nos momentos de aflição coletiva.

"Isto quanto ao passado. Mas hoje interessam-nos o futuro. Interessam-nos, sobretudo, os preconceitos a alijar e as perspectivas de termos de encarar.

"A primeira dessas, sintetizando muita coisa, a consideração das realidades. Não a retórica "realida de brasileira" do ufanismo caboteiro, mas as nossas "realidades" pleonasticamente "reais", visíveis pelas observações e pela razão, mas a que só superficialmente costumava atentar.

"Uma idéia é primeiramente um fato, transformase mais tarde em idéia, e, uma vez idéia, tornase infinitamente mais forte e eficiente.

"Materialismo histórico? Não: apenas Faquet, que viveu buscando a compreensão e o matiz das coisas. Mas há o perigo da má observação e da desfaçanha entre as idéias formadas e os fatos, que já tenham evoluído. Talvez por isso mesmo as doutrinas se impõem ou surgem de preferência nas grandes crises ou transições da história. Assim, as teorias classificadas, assim Locke e Buckle, assim Hobbes e Maquiavel, Tocqueville e Sorel. Na Boítica Inglesa, tem-se apontado uma manifestação de sabedoria. E que

essa suas teorias são profundamente dialeticas, surgentes dos enses, resultantes das controvérsias. Es-

"Hoje a realidade maior é o povo. Sempre e fol, mas antes ele era inconsciente e alienio à ação, e podia ser iludido. As condições mudaram, e hoje temos de ir-lhe ao encontro e de prosseguir com ele.

A escancaração dos seus interesses, possíveis nas épocas anteriores à instrução, à impressão, ao rádio, às comunicações rápidas, às recentes conquistas sociais e técnicas, ainda hoje tentada pelos funambulos da política e magia das promessas, possuidores das mais incríveis cartolas, transparece no verbalismo e os pseudopulismos que já se entreverem. Para chegar a nossa política, continuar e, se apena, na liga, uma competição de mentirosos?

"E' considerando o povo, sonhos conduzidos a considerar a condição que mais o interessa e que lhe permitirá a plenitude social: a condição econômica. Prosperidade econômica do país e justiça econômico-social do indivíduo: eis a segunda "realidade" devo ao Estado, não mere "agente policial", mas Estado a um tempo resultado da sociedade e seu plasmador.

"As duas guerras mundiais do nosso século e, não menos do que elas, a crise de 1931, revelaram aos povos a fragilidade fundamental da sua riqueza e liberdade. Os regimes políticos, sem êxito econômico, com

"Conclui no pag. 14)

AS CATAS

O povo brasileiro, a temer as CPIASE, DASP, SESC, SENAI, CEXIM, CNO, CNA, como o povo,conde, atrá de trás, um inimigo.

Pela nova lei, queriam um auxílio tributário. O governo, assim a carne, as habitações, o carvão, o carvão, essas despesas significam se sucedem: depois medicas, os ações, a Liga da Criação, a CAM, como o povo o povo italiano, por entidades tratadas, confeite e o sabor fa-

Os marítimos nham muito b governo. Deve neto. Os m por exemplo, morrem de fome, os p pristearlos das diários, contri entidades, autua cias. Sua des era aproximada contribui dinheiro a bento do seu s ba mensal. Co ficados em tod

para lhe dar um presente de grego

E' UMA FARSA DENTRO DE UMA ESCAMOTEAÇÃO — DINHEIRO DOS POBRES PARA A BUROCRATAS BEM PAGOS — A SIGNIFICAÇÃO DA NOVA TAXA OBRIGATÓRIA

abjeta. O governo, os ministros, con-
sideram essa mesma

OPRIO POVO
Congresso, so-
prassentes e apo-
segurados dos Institui-
tos Sociais, já
é general. Ela
geral das apo-
mentadas atualmente
deixa um aumen-
to previdenciária, de
sos de cruzeiros,
legisladores —
A última hora,
conversa macia,
lóbis de retro-
es eleções, con-
arranjo nô-
varavam esse
dos patriotas?
A custa das
legisladores, o
fazem um "ap-
rício do próprio
metodista, orga-
nizadores, mís-
teriosos dos
país, o gover-
naches dos IAP
m issalto.

**O AUMENTO DAS CON-
TRIBUIÇÕES**
Estabelece o artigo 1º da nova
lei (nº 1.136) que a partir de 1º de
agosto, as taxas (isto é, o dinheiro
do povo), serão elevadas para:

6%, aos contribuintes das IAP
dos Industriários e dos Comer-
ciários;

6% e meio por cento, aos contribui-
ntes das IAP dos Empregados em
Transportes e Cargas e dos Mar-
tillhos.

Quem mais gofre com o aumento
de "benefícios" são os bancários:
para os vencimentos até Cr\$ 250,00
— 6%; de mais do Cr\$ 250,00 até
Cr\$ 500,00 — 7%; de mais de Cr\$
500,00 — 8% (todo por cento).

E depois vem a enumeração no
sentido: "a partir de janeiro de 1953,
nenhum instituto poderá suspender
anualmente com sua administração,
mais de 2 e meio por cento" da total
dos salários do contribuinte das
seus segurados, relativos ao exer-
cício anterior".

Esse é o artigo 3º.

Os artigos 1º e 2º são simples-
mente, a oficialização do insulto à
bolsa dos trabalhadores; o artigo 3º é uma anedota oficial. Este 3º artigo tem um parágrafo único, que
diz: "dentro de 90 dias da publicação
deste decreto, os IAP cujas des-
pesas administrativas ultrapassarem
o limite fixado neste artigo
apresentarão ao ministro do Trabalho,
por intermédio do Departamento
Nacional de Previdência Social,
o plano de compressão de des-
pesas administrativas, de modo que
possam enquadrá-las no referido
limite até 1º de janeiro de 1953".
Enfim — 90 dias é muito, para
arranjar as contas, mas três anos
é muito mais. O governo, assim,
com esse parágrafo fazendo brido da
algebra, da grita de alvara a nos
IAP, ou nos seus chefes: arranjam
as contas em três meses, porque
vamos fazer uma fiscalização...
dai-nos a três anos. Apreciam-se, sem
intenção de critica muito severa,
que nemhum IAP poderá entrar
nessa briga em tempo tão curto.
Se o general-presidente não se
disse, os administradores das IAP
o sabem.

AS CATEGORIAS PRO- FISSIONAIS

O povo brasileiro já se acostumou
a temer as siglas, as tabelas, os
IPASE, DSPI, DPE, DIP, SESI,
SESC, SENAI, IAPETEC, IAPM,
CEXIM, CNG, DNG; estas siglas
só sênia como o PRP — cada qual es-
conde, atrás de três ou quatro le-
tras, um intímigo.

Pela nova lei, os Industriários ti-
veram um aumento de 1% nas con-
tribuições. O café subiu de preço;
assim a carne, o feijão, o arroz;
as habitações, as taxas de calefa-
ção, o carvão. Tudo aumenta, todas
essas despesas se multiplicam, as
siglas se sucedem, umas atrás das
outras; depois disso, há as taxas
medicas, os abonos, as contribui-
ções, a Liga Brasileira de Assisten-
cia, a CAM. O povo brasileiro é
como o povo alemão, o povo russo e
o povo italiano: foi ou é explorado
por entidades maiores ou menos ab-
stratas, conhecidas por intituladas vagas
e do sabor fascista.

Os marítimos — os marítimos ga-
nharam muito bem, deve imaginar o
governo. Devem ganhar rios de di-
nheiro. Os marítimos de Santos,
por exemplo, os pescadores, que
morrem de fome durante seis me-
ses por ano, que dependem dos pro-
prietários das barcas, dos interme-
diários, contribuem para 5 (cinco)
entidades, autarquias, calvinhas ofi-
ciais. Sua despesa, há dois anos,
era aproximadamente, somente nessas
contribuições, somente para dar
dinheiro a burocratas, de 20 por
cento de seu salário ou de sua ver-
ba mensal. Com os aumentos veri-
ficados em todos os Institutos e or-

ganizações, e com mais esse remate final
da lei 1.136, estas despesas devem
chegar à casa dos 28 por cento.

Os bancários — estes devem ser
milionários, a julgar pelo aumento
que sofrem. Supõe-se que em São
Paulo, por exemplo, poucos bancá-
rios recebem menos de Cr\$ 500,00.
Isso quer dizer que se verifica um
assalto gigantesco: 8% dos salários
pagos a todos os bancários de São
Paulo uma importância considerável.
Assim, como 6% dos salários pagos
aos Industriários e aos comer-
ciários, e 6 e meio por cento dos
salários pagos aos trabalhadores em
transportes e dos marítimos — tu-
do isso somado, a quanto chega?

A ESCAMOTEAÇÃO DAS APOSENTADORIAS

Não estranhariam tanto os tra-
balhadores dessas categorias os au-
mentos sucessivos que houve é im-
posto se, na velejada ou na invalidi-
dez, recebessem auxílios dignos de
ser um humano. Ningum mais do
que os próprios contribuintes sabe-
rá que ponto esses auxílios podem
ser considerados uma "apoentadoria".
Diz o governo que os benefícios
variaram de 33 a 30 por cento; quanta-
mentos nesses, quantos anos perde-
uma vida para receber a apoentadoria
do nascido, morto, reputado? Quanto tempo decorre antes
que um menino de 12 anos receba
uma parcela ínfima e ridícula do
dinheiro que o governo tirou do seu
pat, durante toda a existência? E
quando esse "benefício" chega, para
para salvar esse mesmo de uma
existência miserável? O trabalho
seu pai foi perdido? O dinheiro que
seu pai pagou ao governo, perdeu-se,
ao longo dos anos, evasiva, inutil-
mente, vota a gota, e quando uma
parede dele é devolvida, não basta
só para pegar a moça a vela de
cabeceira. As apoentadorias aos
doentes são a indústria dos tuber-
culosos e dos amnéicos. Ningum
poderá curar-se, podará comprar os
remédios de que precisa, com o di-
nheiro escasso que é devolvido a
custo, depois de meses de petições,
de pedidos de humilhações de toda
sorte, de rebaixamentos, atrações, de
blas de burocracia. O proletariado
brasileiro, a pequena burguesia, os
industriários, os comerciantes, os

marítimos, os empregados em trans-
portes, os funcionários públicos de
baixa categoria recebem esses favo-
res da mão de um governo que os
detesta, que mitre por eles o mais
evidente desprezo, que os trata
como objetos, como peças de uma
maquinaria. Os Institutos de Apos-
tentadoria são uma farsa. Seus bene-
fícios são outras tantas farsas. O
dinheiro dos Institutos vai para a
construção de apartamentos de luxo
para os burocratas municipais,
estaduais e federais; quando não
segue esse destino inglorioso, enqua-
nto milhares de operários moram em
pau-rosa e se construindo atentos apar-
tamentos carlistins, esse dinheiro
é furtado por uma clusma de cal-
cas desonestos que, por sinal, fi-
cam impunes; desviado; dado ao go-
verno, de mão beijada.

Os contribuintes de todas as cate-
gorias, os trabalhadores de todos os
Estados, de todas as cidades, de to-
das as fábricas, bancos, usinas, ofi-
cinas, lojas, escritórios, bares, mae-
tros, caminhões, automóveis, devem
ter consciência de uma coisa: em
todos os países do mundo salvo, ma-
ticularly na Espanha de Franco
ou Russa de Stalin, os benefícios
aos trabalhadores, quando de sua
invalidi-idade ou a sua morte, são benefícios
reais, são, além disso, o que é mu-
ito mais importante, conquistas le-
gitimas dos trabalhadores, conqui-
tas feitas através de grandes move-
lamentos de massa, através de gre-
ves, de protestos, de reivindicações
em ação. Os favores que Ge-
raldo dos operários são escam-
oteações abjetas; o governo da
general-presidente segue o mesmo ca-
minho e traga para o proximo tu-
mato a mesma rotina. Os trabalhadores
de quem se arranca agora
novo dinheiro, é preciso lembrar
que para conseguir um aumento em
sua pensão, os mineiros do No-
reste dos Estados Unidos fizeram
uma greve que durou quatro meses
e paralisou a indústria metalúrgica.
Estes são benefícios reais, conqui-
tados pelos trabalhadores. O au-
mento das contribuições aos IAP,
nesta altura, nesta situação inter-
nacional e nacional tão lacrada é,
para o simplesmente, mais um au-
mento a quem já está a minguar.

CONSULTA PERMANENTE

— Que pensa sobre o aumento da taxa de previdência, sobre
o pagamento pelo contribuinte da dívida da União para com os
Institutos e sobre a passagem dessas autarquias para a adminis-
tração dos segurados, sem controle do governo?

RESPONTAS:

FREITAS NOBRE, jornalista, presidente do Sindicato dos
Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e advogado,
com escritório à rua José Bonifácio, 233, 3º andar:

— "É miserável que se coloquem os fatos nos
seus devidos termos. Em primeiro lugar, não
resta dúvida que a majoração dessas taxas de
contribuição para as organizações de previdência
vêm agraviar a vida já agravada do trabalhador.
Por isso, o aumento da contribuição, nesta
altura, repercutiu desfavoravelmente entre a massa
obreira. Mas, em segundo lugar, é preciso
que se verifique que essa majoração é uma con-
sequência do aumento das apoentadorias e pen-
sões, determinado pelo legislativo federal. Todos sabem que exis-
tem trabalhadores aposentados recebendo quantias miseráveis que
não lhes atendem às necessidades mais prementes. Para alguns,
talvez fosse mais prático economizar o dinheiro do orçamento que
receber o "auxílio" que lhe está reservado. De uma parte, portan-
to, e desde que esse aumento venha trazer o resultado praticado da
majoração das apoentadorias e pensões, a medida tem um aspecto
simpático. É necessário, por consequência, uma fiscalização
rigorosa das autarquias de previdência, no sentido de que elas não
venham, depois, desviar para outras finalidades, a majoração que
ora se determina. Quando o débito da União, vemos, antes, as
contribuições atrasadas do governo para com os Institutos, visto
que essas contribuições são feitas pelo empregador, pelo emprega-
do, pelo governo. Empregados e empregadores recolhem suas quotas, mas o governo, não! Além disso, com gastos inexplicáveis,
com fianças de hotéis de luxo, como a Quinta da Boa Vista, com
aplicações excessivas dos dinheiros, dos Institutos, e governo da
União foi se assoberbando dos depósitos dessas autarquias, que
só, em última análise, a economia sacrificada do trabalhador na-
cional. Chegou um determinado momento em que, tão grande era
a importância em poder da União, que os Institutos ficaram, quase,
numa situação de insolvência e o governo na impossibilidade
prática de restituir o dinheiro que facilmente arrecadava para
as aplicações já enumeradas. Os contribuintes se agitaram e, finalmente, se chegou a uma conclusão: a dívida da União para
com os Institutos seria saldada através da transferência de imove-
éis da União aos próprios Institutos. O alarde foi dos maiores,
em virtude de avaliações que se consideravam altas para os imóveis
que a União estava impondo aos Institutos, em pagamento de parte das suas dívidas. Mas, para o interesse do segurado e das
proprias autarquias, era preferível que os Institutos recebessem
esses imóveis que estavam rendendo aluguel, no centro da Capital Federal, do que esperar o dia incerto da liquidação desse
débito pela União que, inexplicavelmente, não pagou, não pagou e
não pagará os juros desse estranho "emprestimo". Devemos,
assim, esclarecer que o aumento das contribuições não visa a co-
bertura do débito da União, embora, de certa forma, seja um pa-
tríativo para que a União continue devendo, durante o tempo que
ele aprovar. Finalmente, com referência ao controle dos Institutos
pelos próprios contribuintes, há um semi-número de argumen-
tos que militam em favor dessa tese e que deixamos de am-
pliar, nessa resposta que já está muito longa".

PARAGUASSU BARBOSA, presidente da Junta Govenativa
do Sindicato dos Bancários, Edifício Martinelli, 7º andar:

— "Acho um aumento tanto importuna, só justificável se
houvesse um aumento geral de benefícios como prevê a Lei Orgânica
da Previdência Social, em trânsito na Câmara. Mas não para
atender a um aumento parcial de segurados que há muito tempo
não têm suas apoentadorias aumentadas, apesar de que em todas
as categorias profissionais houve neste espeço um porção de
aumentos compulsórios, obrigatorios, que acarretaram um aumento
sensível na arrecadação das Instituições. Aliás, numa reunião
de trabalhadores, recente, no Congresso dos Trabalhadores, a
Organização da Previdência Social, que aumentava a dívida da União para
com os Institutos, para que se criasse uma nova fonte de renda para
os mesmos fizeram face ao novo encargo. Recomendavam a aprovação da L.O. Organica que, obrigatoriamente e não facultati-
vamente aumentava o limite das contribuições para 10 vezes o sal-
ário mínimo da região e apelavam para a restrição das gastos da
administração que achavam excessivo. Mesmo que tal aumento
fosse justificável, ele deveria ter sido deliberado com de-
creto presidencial anterior que aumentou as apoentadorias e
pensões. Os segurados e não agora para atender gritas de presi-
dentes das autarquias que logo vieram a público para dizer que as
instituições de previdência no Brasil iriam à falência. Na minha
opinião, este aumento nem precisaria de decreto presidencial, pois
o ato está afeto ao ministro do Trabalho, por intermédio do De-
partamento Nacional de Previdência, desde que não excede
o máximo de 8%. O ideal seria que a L.O. Organica fosse aprovada
com urgência, aceitando os senhores deputados as emendas sugeridas
pelos entidades de trabalhadores e entidades especializadas como
o Instituto de Direito Social e do Trabalho, a Sociedade de
Medicina Social e do Trabalho, aproveitando, nesse, neste sentido,
a mensagem presidencial do fim do ano passado à mesma Camara,
no sentido de fazer a separação da Previdência da Assistência Social.
Devemos acrescentar que a formula instituída no Brasil,
qual seja a tripartite (empregado, empregador e governo), vem
sendo somente cumprida pelos deles próprios, o que é um absur-
do, porque cabe somente ao governo prestar, por sua conta, assisten-
cia social como de fato em todos os países civilizados do mundo.
Alego-se que a dívida do governo para com as autarquias é
muito, mas se assim continuar, será maior. Formula o governo es-
tratagicamente a emissão de títulos da Dívida Pública, e os com-
promissos futuros por sugestão do nosso companheiro comerci-
rio, seriam correspondidos com a rença da Loteria Federal".

MELCHIADES DOS SANTOS, presidente do
Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Flu-
xografia e Tecelagem de São Paulo:

— "Acho que é justo o aumento, uma vez
que os trabalhadores temem um aumento no
auxílio pecuniário, no momento em que nenh
ecessitam. Não considero dívida do governo, mas,
sim, uma lei que sempre trouxe algum benefício
ao trabalhador, no caso da doença comprovada.
Quanto à participação dos segurados na ad-
ministração dos Institutos, acho que devem participar, pois deixando
de contribuir com a quota que se destina ao governo, deveriam
os Institutos passar às mãos dos seus contribuintes legais (em-
pregados e empregadores). Apesar de ser um caso complexo, acho
que requer um exame detalhado e profundo, a fim de que possa
ser bem compreendida a minha opinião".

PRESTES MAIA



Candidato do povo à governança do Estado
de São Paulo



HISTÓRIAS

DOS CONFLITOS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES E SUAS CAUSAS

Julio Maendle

Apesar dos esforços realizados em quase todos os países do mundo e iniciados na própria aurora da cultura, no sentido de aperfeiçoar os métodos de preparação psicológica e pedagógica mais aceitáveis para professores, parece que ainda não alcançaram o grau de eficiência desejável para permitir a formação de um mestre à altura das necessidades. Será por isso, apenas, que as relações entre alunos e professores adquirem tão freqüentemente aspecto de luta prejudicial para o jovem aluno? Ou este também carrega para a escola tais somas de motivações capazes de explodir em ação como perturbação constante contra o professor? A quem cabe, principalmente, a responsabilidade das más relações entre alunos e professores? Ou a responsabilidade é social, geral e não individual?

As perguntas formuladas por "F.S." levam-nos diretamente a outras, antes de passarmos às respostas: serão, os "complexos de família" uma obsessão do psicanalista? No próprio interesse da infância e da adolescência, será conveniente ter-se a coragem de advertir a respeito do perigo da psicanálise?

Freud demonstrou cabalmente que a psicanálise possui o maior interesse para com a pedagogia, partindo do princípio de que sómente pode ser pedagogo quem se encontra capacitado para identificarse com a alma infantil e nos, os adultos, não compreendemos as crianças porque não compreendemos a nossa própria infância.

Quando os educadores se hajam familiarizado com os resultados da psicanálise, ver-lhes-á mais fácil reconciliar-se com determinadas fases da evolução infantil. Por exemplo, guardar-se-á de toda qualquer tentativa de subjugar violentamente os impulsos instintivos perversos ou asneicinas. A repressão violenta pode produzir resultados tão indesejáveis quanto a passividade ante os instintos encravados.

A educação inadequada produz os distúrbios nervosos ou a perda da capacidade de rendimento e de prazer. Surgem conflitos com o ambiente especialmente nos seguintes casos:

1) quando os pais falham na educação, a criança carrega para a escola tais somas de motivações que são capazes de explodir ou acirrar como perturbação constante, com o professor;

2) quando o professor é portador de recalcados, desejos re压elados ou mesmo uma neurose de caráter nas relações entre professor e aluno adquirem freqüentemente aspecto de luta prejudicial para o jovem aluno;

3) as circunstâncias da vida no exercício do magistério modificam a conduta com relação aos alunos. As preocupações e dificuldades da existência do professor facilitam o desenvolvimento de uma neurose, que se manifesta geralmente nos meios de manutenção da disciplina escolar, fator de tão grande importância;

4) os alunos podem ser punidos, castigados ou reprimidos por causa de um comportamento que corresponde aos desejos proibidos do professor; e, finalmente,

5) a transferência e projeção dos conflitos inconscientes verificam-se reciprocamente, tanto do lado dos alunos quanto dos mestres.

O ensino escolar significa mais do que a simples transmissão de conhecimentos das matérias de estudo. A escola é um fator muito importante na educação global.

Por toda a parte, na ciência pedagógica, se tem feito sentir a influência das idéias de Freud. De fato, não só falamos da psicanálise das crianças como um meio para tratar certos fenômenos neurológicos que algumas vezes ocorrem na infância, como também acreditamos que os resultados científicos das pesquisas da psicologia profunda podem ser usados, ou antes pressionados, para aplicados na educação, ainda que se trate de crianças que nunca manifestaram o menor sinal de anormalidade, e procurarmos sugerir certos métodos tendentes a evitar qualquer desenvolvimento indesejável, ou mesmo propor métodos para se obter um desenvolvimento desejável.

Muitos pedagogos, com mais entusiasmo que conhecimento, pregam e procuram aplicar a psicanálise à vida escolar, conquanto existam muitas dificuldades em sua utilização.

E' indispensável que o candidato

mento mais direto da natureza o provas intelectuais que justifiquem a sua habilitação; é preciso que revele as condições caraterológicas para o exercício desta profissão sublime. E' desejável a análise do educador profissional, pois muitos obstáculos, que invalidam a ação do mestre e o dificultam as suas relações com os discípulos, seriam suprimidos mediante uma conhecimento mais idêntico da natureza e sentido das suas ações.

Quantas vezes descarrégam os pais e mestres nas crianças os seus próprios complexos de infância.

Quantas vezes o educador carrega consigo mesmo dificuldades que o inutilizam para o seu mister educativo.

A atitude de intranquilizar "autodidata" provoca o protesto dos jovens. Eles os fatores principais — individuais e sociais — aos quais cabe a responsabilidade das rotinas precárias — tantas vezes — entre alunos e professores, em vez do contato afetivo que se deve estabelecer normalmente.

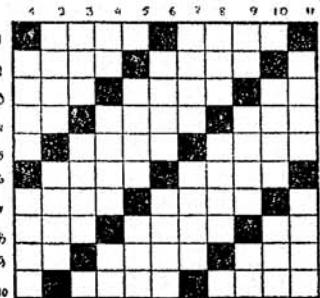
Para a classificação dos gêneros de atividade, considera-se trabalho sedentário o dos estudantes, professores, advogados, guardiões, estenógrafos, etc.; trabalho moderado, o da dona de casa, enfermeiros, carregadores, etc.; trabalho ativo, o dos lavradores, pedreiros, ferreiros, etc.; e trabalhos pesados, os dos estivadores, cavadores, etc.

ENIGMÍSTICA

POR ANTARES

PALAVRAS CRUZADAS SIMPLES

Problema n.º 5



corda em forma de U — planta medicinal.

VERTICAIS: 1 — toca de coelho — vaso em felito de ancora — 2 — lá cardada — parte anterior do navio — 3 — milho torrado e reduzido a pó — rocha — pronomé — 4 — tecido fino — metalóide — multídio — 5 — levante — cada uma das cavidades do fovo — 6 — pato em frente à igreja — lugarejo — 7 — Rei de Judá, filho de Robôeo — virgula — 8 — graca (fig.) — andamento musical — 9 — substrato instintivo da palma — recelo — ruído — 10 — lodaçal — completo, integral — 11 — aponta a arma — pavimento.

CHARADAS NOVISSIMAS

PROBLEMA N. 10-A

Um homem é "igual" a outro, e nisso não há o que "deplorar" disse o MEMBRO DO PARLAMENTO. 1-3.

PROBLEMA N. 11-A

A "acusada" de um modo "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 12-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 13-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 14-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 15-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 16-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 17-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 18-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 19-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 20-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 21-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 22-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 23-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 24-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 25-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 26-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 27-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 28-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 29-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 30-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 31-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 32-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 33-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 34-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 35-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 36-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 37-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 38-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 39-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 40-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 41-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 42-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 43-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 44-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 45-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 46-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 47-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 48-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 49-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 50-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 51-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 52-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 53-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 54-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 55-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 56-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 57-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 58-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 59-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 60-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 61-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 62-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 63-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 64-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 65-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 66-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 67-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 68-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 69-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 70-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 71-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 72-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 73-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 74-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 75-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 76-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 77-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 78-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 79-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 80-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 81-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 82-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 83-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 84-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 85-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 86-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 87-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 88-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 89-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 90-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

PROBLEMA N. 91-A

"A" é a unidade de medida "vagabundo" admitiu que sentira a UMIDADE ATMOSFÉRICA DA NOITE. 1-2.

PROBLEMA N. 92-A

"Sozinha" a mulher "ruim" pisou a "flor" que é adorada pelos POCOS DA ÁFRICA ORIENTAL. 1-1.

TEATRO

CARTAZES
DO
MUNICIPAL

«Grande Ballet da Ópera de Paris 80 figuras de Serge Lifar»

O gosto da aventura modelou a vida de Serge Lifar até seu ingresso no "ballet" do Diaghilev. Daí por diante a dança o envolveu completamente. A sua propria existência é o desenvolvimento de um "ballet"; o ar que respira emana das piruetas, das voltas, dos "entrecêches" e do ritmo concorrente da musica. Depois de um curso em Viena, ocupa o primeiro posto da companhia e participa do movimento de evolução da dança que rompe com a rotina academica e substitui o convencionalismo do sonho romantico por um dinamismo que liberta o corpo da anedota e as "ballets" da finalidade precisa, do princípio diretriz. Harmonizam-se a decoração, que adquire maioria, os trajes e o movimento. Nijinsky dança com escândalo "A Primavera Sagrada", do grito de independencia contra a veneração das tradições clássicas do século XIX. O movimento se engalanha no Teatro Nacional. Lifar recebe todo este manancial e passa a investigar a dança academica abandonada em função das novas descobertas. Repudia a valorização da forma tecnica, a consagração das variações, dos passos, da disciplina. Afirma que a barra constitui um elemento no esquema da nova dança, de cujo amago deve brotar um conteúdo espiritual. A emotividade e a paixão definem as linhas do bailado, servindo-se discretamente dos recursos clássicos. Os passos são regidos por forte concentração emocional. Nasce, então, a técnica clássica expressiva, sob cuja bandeira, até hoje, Lifar dança e escreve "ballets". Com surpresa no meio dessa absorção de graça e de beleza, surge novamente o pendor da aventura e Lifar quase se perde nas tramas do nazismo escampado na praça da Ópera. Mas, Paris é mulher sabida, pôrde o deslize, e o amante retorna aos camarins. Punc-o, entretanto, e não o deixa dançar, permitindo-lhe a direção do corpo de baile da Ópera. Dedicase, então, Lifar à sua reorganização, ao aperfeiçoamento dos bailarinos, e principalmente à produção coreografica, onde se exprimiam a sua experiência, fantasia e técnica. E surgem os "ballets" "Guignol et Pandore", "Les Mirages" o extraordinário "Zadig", "d'après" Voltaire, "Escales", "Salade", "Les Animaux Modèles", "Les deux Pigeons" e muitos outros que serão escritos em letras vermelhas nos próximos cartazes do Municipal.

PIERRE GAMBA -- UM DOS GRANDES REGENTES DO MUNDO"

O terror do anão é crescer. De repente, não mais que de reprende, como diz o meu amigo Luiz Martins, parodiando não sei quem, pode o anão "deitar" altura, sem atingir, no entanto, o tamanho normal.

A renovação da força de crescimento das cartilagens ou do estímulo da hipófise, enfim, a restauração do processo de crescimento, constitui uma tragédia na vida do anão. Perdo o emprego no círculo, é, em geral, nada mais sabe fazer. Passa, tristemente, a ser um bixinho. Velo-me à mente esse drástico problema ao ver o cartaz que anuncia os espetáculos de Pierino Gamba, o qual, por sua vez, provocou a lembrança dos regentes lituanianos que o antecederam. O mesmo terror de crescimento domina os pais e empresários da criança prodigo, cujas qualidades tecnicas são artificiosas ou de pouca vitalidade artística, incapazes de resistir ao desaparecimento da condição infantil, um dos principais argumentos do exito. O interesse comercial atila o engenho dos responsáveis na luta contra a inexorabilidade do tempo, que, às vezes, desemboca para o ridículo, como no caso de Ferruccio Burco. O meninão é vestido com roupas de criança, em veludo vermelho e rendas, e exibe uma caboleira encantada, encanto maternal das crianças do passado. Esses subterfugios, ao contrário, auxili-

am a descobrir a tibieza do valor artístico, oferecido com a credencial do genio. O mesmo não se dá, entretanto, com Pierino. Apresentado com naturalidade, sem necessidade de recuo do tempo, para justificação de seus altos dons musicais, o menino sabe reger verdadeiramente. A seriedade de seu comportamento, o entusiasmo sincero no mister e o conhecimento técnico, compõem uma personalidade que se projetará vida em fora, candidatando o jovem regente a um lugar destacado no cenário musical. Este pode crescer à vontade.

EXPOSIÇÃO DO PINTOR GARCIA LEMA

Mais uma vez a Secretaria de Educação e Cultura abre os salões do Municipal para receber um pintor da azinhavrada arte acadêmica. Felizmente, a mostra está instalada no salão-nobre, no primeiro andar, e não no saguão da entrada, onde residiram outras exposições acadêmicas. Quem ia ao teatro homenagear a estética e a beleza, era obrigado a macular os olhos nas telas que entulhavam a entrada. O novo diretor do teatro deve prosseguir nessa pra-

tica sob pena de inscrever-se no frontal do teatro o verso immortal "lasciate ogni speranza, o voi qui entrate". O pintor espanhol veio para a America em 1935 enviado pelo governo espanhol e pelas Deputações, Ajuntamentos e Centros Culturais da Galicia em missão de cultura e boa vontade". É vigoroso, bom artesão e compõe alguns grupos humanos com habilidade. Abusa das cores, como se fosse o gerente do arco-iris. O maestro academic imantou seus painéis como um castigo. Para falar em castigo, o novo diretor do Teatro Municipal, sr. José Oswald Antônio de Andrade, moderno no espírito e na pintura que executa, devia minorar o que se abateu sobre as salas do próprio Municipal, facultando exposições a colegas modernistas.

"CARROSSELO NAPOLETANO"
Estreou quinta-feira. Parece ser um grande espetáculo. A critica do Rio recebeu bem o "pot-pourri" das canções, danças e teatro do sul da Itália, bem como a incursão no passado folclórico da região. A tantarella e a "Signora Fortuna" riam melhor com o "chianti" e os talheres de São Paulo. Veremos.

LUIZ LOPEZ COELHO



BACH - «DER SPIELMANN»

(1685-1750)



Procuramos, com este artigo e com outros que o seguirão, divulgar alguns dados sobre a vida a obra de Johann Sebastian Bach, cujo bicentenario de morte transcorreu no dia 28 ultimo, sob o mais completo silêncio. Esta data é significativa porque não marcou a morte ou desaparecimento de Bach, e sim a sua resurreição, pois Bach, enquanto vivo, nunca passou de um musicista, um musicista como todos os Bachs.

Que diremos de Bach? Diremos que compôs muito? que era grande virtuoso em vários instrumentos? que suas composições foram em grande parte perdidas? que, em tudo isso, numa fantástica mistura de lenda e realidade, já foi dito e repetido... porque instituímos este artigo com dois termos tão alemaõ?

Disse-me um conhecido, estudante de medicina, que um dos casos mais discutidos em genética é o da família Bach. Essa família foi numerosa, numerosíssima. Todos os seus componentes foram musicos, mas, quando se fala em Bach somente, sem se juntar a esse, outro nome, sabemos que quem o promoveu se refere ao gigantesco Johann Sebastian. Que restam alguns que o nome dessa família não é Bach e sim Bloch. Seja como for, o fato é que antes de Johann Sebastian, duzentos e sete anos, essa família, tocador de Johann Sebastian, não no século XVII, Bach era, na Alemanha Central, sinônimo de "Spielmann", que significa "musico".

Dizem todos os biografos de Bach, e confirmo-o Albert Schweitzer, o maior deles — que essa família começou com um tal Veit Bach, moço, tocador de cítara, que por questões religiosas retirou-se para a Hungria, tendo voltado para a Alemanha durante a Reforma.

Um dos filhos de Bach, diz que, onde na Veit, em consigo seu trigo e sua cítara, e conclui: "Enviou bom para ele, pois ganhava a vida com o trigo e aprendia a marcar compasso com a cítara".

Mas nem todos os Bachs tiveram o mesmo caráter e a mesma moral,

como o grande mestre da Fuga. Muitos deles foram criões, boemeiros, mas todos musicos.

Johann Ambrosius Bach, pouco antes de 1685 mudou-se de Erfurt para Eisenach. Nesse ano, em Eisenach, no dia 23 de março, nasce mais um Bach, e esse fato é que tornaria essa família conhecida através dos séculos por toda a humanidade. Batizaram-

na com o nome de Johann Sebastian, em honra ao seu avô.

Também ele era um "Spielmann". Porém, seria o maior; sem ele e seus dois filhos, Karl Philipp Emmanuel e Johann Christian, Haydn e Mozart, não teriam existido como musicos. E Beethoven nunca poderia ter composto suas sinfonias.

Karl Philipp Emmanuel Bach, sempre assistiu a vida de seu pai;

Nasceu em Eisenach em 23 de março de 1685. I — Músico em Weimar, no corte do duque Johann Ernst. II — 1704 — Organista numa igreja em Arnstadt. III — 1707 — Organista na Igreja de São Blasius em Mühlhausen. IV — Organista de Cama-
ras e de Corte em Weimar, em 1708. V — 1714 — Concertista da

mesma Corte de Weimar. VI — 1717 — Regente de orquestra e diretor do musica de camera na corte do príncipe Anhalt-Kotthen. VII —

Dai passou a Leipzig, onde foi nomeado "Kapellmeister" e "chanteur" da igreja de São Thomaz. Morreu em 28 de julho do ano de graca de

1750, Karl Philipp Emmanuel Bach.

Vejamos agora o que sucedeu a ele durante esses períodos: Com dez e de idade morreu seu pai, e seu irmão mais velho, Johann Christoph, empa-
rou e o iniciou no violino. Por essa época, Bach costumava copiar musica

no sótão, escondido do irmão e con-

tinava a copiar.

(Conclui na pag. 14)

CINEMA

“À ESTATUA VIVA”

Não seria necessário falar deste filme, se a sua fotografia não fosse de Aldo Tonti, o fotografo de "Obcessão" e "O Bandido". Porque o filme merece ser assimilado, quando não por outros elementos positivos, pela qualidade da fotografia, em seu aspecto formal. Quando assisti à exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos atores, e alguns trechos — desgraças cuja autoria não cabe a cinegrafista. Analise a exibição, um senhor a meu lado, em dado momento, exclamou — "Que fotografia horrível!" Pensei em explicar que o que poderia ser horrível era o trabalho de laboratório, ou a apressada preparação dos

Agora terão inicio as atividades do futebol local

PALMEIRAS x PORTUGUESA DE DESPORTOS O PRIMEIRO JOGO DA TAÇA "CIDADE DE SÃO PAULO"

Na semana que se inicia amanhã, as atenções do futebol se dirigirão para o Pacaembu. No estádio da cidade, as equipes do Palmeiras e da Portuguesa de Desportos darão início à disputa da Taça Cidade de São Paulo, ou seja, do troféu que reúne anualmente os três principais clubes no certame do campeonato antárctico. Como se sabe, além das contendores da amanhã, ainda teremos o São Paulo na disputa, o que poderá contribuir para que assim fiquem a bons encontros. Isto se os três clubes se interessarem e levarem a sério as contendas.

São os tricolores, alvi-verdes e rubro-verdes mandarem a campo suas melhores equipes, é certo que preenceríamos partidas interessantes. Mas se se repetirem, fato comum de alguns anos anteriores, em que as equipes de aspirantes foram portas abertas para os jogos clássicos entre os três times, não haverá uma boa oportunidade de apreciar partidas de primeira, por que na verdade, segundo o que se tem visto, as equipes estão boas.

Mas para inicio, teremos o Palmeiras contra a Portuguesa. O joga-

go promete, embora ainda não tenham sido declaradas com certeza, quais a formação das equipes. Não fosse isto e desde logo poderíam prever o sucesso ou insucesso da jornada. Tudo dependerá das clubes e portanto como são elas as maiores interessadas, talvez, pelo menos amanhã não devo ser oferecido um prêmio de estreia. Depois durante a semana, veremos o São Paulo na quarta-feira, contra o presidente de domingo e a seguir contra o Vene-

Tanto os cariocas como os paulistas, já domingo ultimo estiveram em plena atividade para com a realização de jogos amistosos nas duas capitais. Aqui, tivemos dois prelúdios. Sabado Corintians e Juventus encaram-se a um combate equilibrado que terminou com um empate de 4 tentos. Domingo tivemos um inter-clube de cariz. São Paulo e Fluminense atuaram no Pacaembu conseguindo o quadro bandelante levar de vencida o contendor por 5 pontos a 1. A vantagem dos sampaioenses foi grande, mas justo será afirmar que os dois últimos pontos foram marcados nos instantes finais da partida, indicando uma desigualdade que na realidade não se verifica, pelo menos até os 40 minutos da fase final. No Rio de Janeiro, o Fluminense, em sua luta titânica, logrou bater o Bangu por 3 a 0 e com isso as atividades locais se reiniciaram, com boa expectativa para os dirigentes, porque as rendas foram bem regulares.

O REINICIO DAS ATIVIDADES LOCAIS



Flagrante da partida São Paulo vs. Fluminense, disputada ante-ontem, à noite, no Rio

ONDINO VIEIRA deixou o Fluminense



12º promotor público em exercício. Foi classificado como dito contra a economia popular.

JOE LOIS VAI ENFRENTAR EZZARD

DETROIT, 26 — (U.P.) — Joe Lois anuncia esta noite que ainda esta semana correrá principalmente os treinos para enfrentar o atual campeão mundial de peso-pesado Ezzard Charles.

NOVO CAMPEÃO francês dos medios

Após luta renhida com Jacques Crocy, detento do título dos medios na França, um esrrorador de Oran, Kid Marcel, arrebatou o posto passo, pois venceu o adversário os portugueses que disputaram três pugnas e na capital peruana.

Direitos assegurados ao trabalhador

Todo empregador é obrigado a assegurar os seus empregados contra os riscos de acidente do trabalho.

(Do Código de Trabalho)

A nota sensacional da semana no futebol carioca, foi a rescisão do contrato que prendia o técnico Onidino Vieira ao Fluminense. Deixou ele o tricolor, alegando muitas novidades que se tornaram logo conhecidas. No cliché, o técnico quando em companhia do sr. Fabio Carneiro, presidente do clube, se despediu dos jogadores.

NOTICIARIO DE ESPORTE

RECADO NEGRO DE ENTRADAS DE FUTEBOL DENUNCIA CONTRA CAMBIISTAS Foi entrado na 12ª Vara Criminal, de caráter de 12º ofício, uma denúncia contra cambistas que vêm entradas de futebol no caminho negro.

A denúncia foi apresentada pelo

CORINTIANS E IPIRANGA SERÃO ADVERSARIOS HOJE NO PACAEMBU

Depois de ter enfrentado o Juventus, o Corintians terá hoje novo compromisso amistoso. Desta vez irá defrontar-se com seu velho rival, o Ipiranga, cujo quadro representativo tem sido destriado de cabeça aos técnicos do Parque S. Jorge. O Ipiranga, tem disputado muitas partidas no Interior e está avido por lutar em campos da Capital. Essa a oportunidade que tem agora, fará com que se possa avaliar a força do conjunto, que ainda não está definitivamente organizado.

Os corintianos parecem, segundo o que afirmam, deverão atuar com um quadro pouco diferente. A equipe deverá ser: Belo, Murilo e Belfre; Idiáro, Tougaína e Heitor; Claudio, Lázaro, Baltazar, Nené e Nelson, havendo possibilidades também de Nelson ser o meia-esquerda para dar a ponta a Colombo.

O Ipiranga provavelmente porá em campo o seguinte quadro: Osvaldo, Giancoli e Homero; Belmiro, Reinaldo e Dama; Luminha, Rubens, Lobo, Chuma e Paulo.

JOGARÁ NO PERU a equipe do Bangu

O quadro do Bangu, quando esteve no Chile brilhando aliás, foi convidado para jogar em Lima. Na ocasião era impossível aos subúrbios cariocas aceitar o convite. Depois seria ele estudado e segundo notícias que chegam do Rio, informa-se que em janeiro, os peruanos receberão a visita dos gunabarinhas que disputarão três pugnas e na capital peruana.

A TABELA do "Initium" paulista

Dia 13 de agosto será disputado o Torneio Initium de Campeonato Paulista tendo sido elaborada a tabela que contará com 11 jogos assim distribuídos:

1º — às 12:30 horas — C. A. Ipiranga vs. Guarani F. C.

2º — às 13:00 horas — S. C. Co-

rintians Paulista vs. Nacional A.C. 3º — às 13:30 horas — Santos F. C. vs. C. A. Juventus.

4º — às 14:00 horas — A. Portuguesa de Desportos vs. Jabaquara A. C.

5º — às 14:30 horas — Palmeiras vs. XV de Novembro.

6º — às 15:00 horas — São Paulo F. C. vs. A. A. Portuguesa.

7º — às 15:30 horas — Vencedor do 1º vs. vencedor do 2º jogo.

8º — às 16:00 horas — Vencedor do 3º vs. vencedor do 4º jogo.

9º — às 16:30 horas — Vencedor do 5º vs. vencedor do 6º jogo.

10º — às 17:00 horas — Vencedor do 7º vs. vencedor do 8º jogo.

Final — às 17:30 horas — Vencedor do 9º vs. vencedor do 10º jogo.

Dando nova feição ao certame com que antecipadamente se iniciava as atividades oficiais do futebol carioca, organizadas no Rio a tabela para o seu inicio, que se realizará domingo, incluindo alem dos clubes costumários mais a equipe do En-

OS CARIOCAS com o Torneio Initio

Dando nova feição ao certame com que antecipadamente se iniciava as atividades oficiais do futebol carioca, organizadas no Rio a tabela para o seu inicio, que se realizará domingo, incluindo alem dos clubes costumários mais a equipe do En-

senho de Dentro. O certame conta com 11 jogos assim distribuídos:

1º Jogo — Canto do Rio x Bangu.

2º Jogo — Bonsucesso x América.

3º Jogo — Olaria x Engenho de Dentro.

4º Jogo — Madureira x São Cristovão.

5º Jogo — Botafogo x vencedor do 1º Jogo.

6º Jogo — Flamengo x vencedor do 2º.

7º Jogo — Fluminense x vencedor do 3º.

8º Jogo — Vasco x vencedor do 4º.

9º Jogo — Vencedor do 5º x vencedor do 6º.

10º Jogo — Vencedor do 6º x vencedor do 8º.

11º Jogo — Vencedor do 9º x vencedor do 10º.

PREPARAM-SE os brasileiros para o Mundial de Cestobol

Em breve, realizar-se-á em Buenos Aires o Campeonato Mundial de Cestobol. Os brasileiros, que tão bela figura conseguiram quando da última olimpíada, vencendo gallardamente adversários terríveis para conquistar um dos primeiros lugares, estão inseridos e deverão participar do certame no Capital argentina. Para isso, vão iniciar os treinos tempo a direção técnica da C. B. B., dividido o dia 15 de agosto para esse fim. Serão convocados 25 jogadores, estando em estudos porem a escolha do técnico. Problema importante e que não poderá ficar para a última hora com tanto acontecido.



Situação miserável dos ferroviários da Mojiana

CHEFES QUE GANHAM MUITO — FUNCIONARIOS QUE GANHAM POUCO ENQUANTO ALGUNS TRABALHAM O MINIMO COM GRANDES VENCIMENTOS — A MAIORIA DEVE TRABALHAR "POR AMOR À ARTE"

Nunca é demais que digamos a verdade sobre a situação dos ferroviários da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro. Por muito que se fale sobre tal assunto, ainda assim terá sido dito o mínimo, pois que longa é a história e cada dia que passa crescem novos negros capítulos nesse drama, um dos mais dolorosos da história das trabalhadoras brasileiras. Uma empresa ferroviária que por todos os motivos deveria ser uma das melhores de nosso Estado, e encarregada a priori de todas. Tinha estrada de ferro que por várias razões deveria ser o orgulho do país, constitui entretanto, a vergonha do patrimônio público.

OS VENCIMENTOS

Os grandes chefes e chefetes de Mojiana, percebem vencimentos fabulosos. Os engenheiros têm direito a um salário inicial de Cr\$ 4.500,00. Entretanto, os empregados ganham miseráveis ordenados, que somente em sete enunciados, causam pele ruim aqueles que o percebem. Um escrivariário com esposa e 3 filhos, residindo em bairro distante, percebe vencimentos de Cr\$... 1.100,00; paga de auxílio Cr\$... 450,00; tem que arcar com os gastos de condução; manter filhos na escola; pagar o aluguel, a conta de luz, o padeiro, o leiteiro, etc., necessita fazer ginástica para não ficar em morrer de fome.

Para os funcionários de vencimentos de tal padrão, as promoções são concedidas, com contigotas — 75,00 de cada vez. Vencimentos de fome, vencimentos que vão matando pouco a pouco o trabalhador, são os que a Mojiana paga.

TRABALHO POR AMOR A ARTE
Tendo sido interpelado, o chefe de uma divisão sobre algumas promoções a funcionários de uma das reuniões da falida Mojiana (falida por culpa de seus maus administradores que somente souberam enriquecer), respondeu o ilustre funcionário que na Mojiana, atualmente, quem quiser trabalhar, deverá fazê-lo unicamente por amor ao trabalho, pois que a companhia está em péssima situação financeira e não pode aumentar um real nos salários de seus empregados!

A HISTÓRIA DA ENCAMPACÃO

Existe na Assembleia Legislativa, um projeto de encampação da estrada. Não vamos discutir se é bom ou ruim. Queremos apenas que se fique sabendo que essa medida ajudaria a salvar do bancarrota total a ferrovia e principalmente seus empregados. E o que é preciso? que se faz urgente, é que se salve da fome, da nudez, do analfabetismo, os milhares de trabalhadores da Mojiana! Isso é o que é preciso. Um dos deputados que combatem o referido projeto foi o sr. Osni Silveira. Como seu partido estava de brigas com o governador, lutou, juntamente com sua honradez, contra o projeto que era de autoritarismo. Ademar de Barros. Alegando que o projeto não passava de grosso negociação, fez o possível para liquidá-lo. Ora, se o referido deputado achava imoral o projeto original e se por outro lado, estava interessado em defender o trabalhador, deveria ter apresentado um substitutivo, ou então, introduzido emendas que moralizasse aquele que era entregue ao estudo e discussão do plenário estadual. Nada disso fez, e hoje, clama contra as administrações da C.P. e C.M., que deixaram à minguada seus empregados, nadando em vultuosos lucros. Agora é tarde. Os ferroviários já vieram o bastante, e muito aprenderam da vida.

DISPARIDADE EM VENCIMENTOS

Existe na Superintendência da Mojiana, em Campinas, um grupo de continuos que percebem salários superiores ao dos coligas de outras divisões. Os cargos são os mesmos, serviços identicos, muitas vezes sotando com menor tempo de serviço. Entretanto, percebem muito mais. Esse assunto já foi levado à justiça trabalhista. Os continuos de outras divisões tiveram ganhanços de causa, foi determinado que houvesse equacionamento de vencimentos, mas entretanto, até hoje, a Mojiana não deu cumprimento às determinações legais... Quando se aperta com os chefes ou quando a coluna é praia para o lado deles, mui-

dram imediatamente os titulos dos cargos e fogem pela porta mais fácil, ao cumprimento da lei. O superintendente, convém dizer-se é um dos responsáveis por tudo de pessimo que há na estrada. Criou uma casta de protegidos fazendo recuar de tantos filhotes, que hoje é perigo dizer qualquer verdaçada por lá, pois tudo é levado nos seus augústos ouvidos. Até pessoas de sua família, crianças principalmente, dão ordens aos funcionários da C. M., num insulto flagrante ao trabalhador que ali está para ganhar seu pedaço de pão e não simplesmente por amor à arte.

O atual superintendente, saído das fileiras da Sorocabana, foi recebido como o "salvador da pátria", por ocasião da ultima greve. Mas bem cedo demonstrou suas qualidades.

Antes de ir para a Sorocabana, fôra chefe da Divisão de Obras Novas da Mojiana. Quando chefe ali, tinha sua divisão como a mais importante da clá. Feito superintendente, uma das suas primeiras medidas, foi fechar a sua antiga divisão. Como se explica isso? E que poderia esperar de bom os empregados da Mojiana de um chefe que para ali fôra, por que se comprometeu a dispensar os grevistas,

Vamos esperar para ver se os resultados pelo destino do Brasil, dão acordo de tantas calamidades e determinam providências que colam tanto males e tantos abusos. Mais melhoraria virão, não há dúvida alguma.

quando seu antecessor se negara a assim proceder, por verificar que os operários estavam com a razão? O superintendente recebe os funcionários quando vão solicitar qualquer medida em seu favor. Recebe-os por entre sorrisos e cumprimentos amavelz; tudo promete, mas nada faz. Fica sempre na promessa e nos sorrisos.

O dinheiro para os pagamentos dos empregados tem de ser ajuntado dia por dia, e aos poucos, nas diversas estações; os fornecedores não recebem o pagamento das mercadorias vendidas; a associação de farmácia põe em risco receber da estrada, que não entrega os descontos procedidos em folhas para a CAP. da Zona Mojiana, devido para a Cooperativa; Ribeirão para o Sindicato. Logo ficará devendo aos empregados. O caso da Mojiana, nesta parte de sonzagem de pagamentos, já é caso de polícia.

Vamos esperar para ver se os resultados pelo destino do Brasil, dão acordo de tantas calamidades e determinam providências que colam tanto males e tantos abusos. Mais melhoraria virão, não há dúvida alguma.

ATUAIS PERSPECTIVAS DO SINDICALISMO BRASILEIRO

A opressão governamental impede a livre organização da classe operária

O sindicalismo, no contrário do que comunmente se pensa, é para a democracia uma grande força de equilíbrio e de cooperação eficiente. Mas para que esse sindicalismo seja de fato e de direito parte integrante da vida dos trabalhadores é condição fundamental que eles desfrutem da mesma liberdade de organização que os empregadores. Mas os governos da República até hoje só tem dado ao trabalhador liberdade de controlada, o que atrofiou o desenvolvimento sindical do país. E por isso que o trabalhador brasileiro, vendo suas reuniões vigiadas pela Polícia e pelo Ministério do Trabalho e sem nenhuma garantia a suas iniciativas em prol da defesa de seus direitos, passou a criar um espírito associativo extra-sindical! reconhece que há necessidade de se associar, para desse modo ter força e fazer valer seus interesses, mas não pode dispor livremente da sede de sua entidade.

As contradições governamentais, tirando mais do que dando, impedem haja sindicalismo no sentido brasileiro tem espírito associativo; porém negam-lhe os governos o direito de fazer uso desse espírito associativo, salvo sob controle, condição esta que não convém aos trabalhadores.

Dante dessa situação, a maioria fica na expectativa, enquanto os mais decididos se lançam à luta, pela conquista do respeito aos seus direitos.

E não se pensa que as concessões feitas até hoje aos trabalhadores brasileiros o foram por obra e graça dos grupos dominantes, mas em consequência das conquistas dos trabalhadores da Inglaterra, Estados Unidos, etc., limitando-se as autoridades, muitas vezes, a seguir, parcialmente, obrigações assumidas em conferências internacionais de trabalho.

Mesmo a consolidação das leis do Trabalho, adaptação de regulamentos facistas, motiva a fuga dos trabalhadores de seus sindicatos, sem que entretanto negue apoio aos verdadeiros dirigentes da classe.

ESPIRITO MILITAR DO PROLETARIADO BRASILEIRO

Não obstante enfrentar duras contradições das leis que tem vigorado no país, o trabalhador soube sempre manter, através de seus representantes, mal esclarecidos e autorizados, viva luta pela sobrevivência do sindicalismo.

E, se compararmos as garantias dadas aos trabalhadores ingleses, franceses, norte-americanos com as que se concedem aos brasileiros, veremos que os nossos realizaram progressos sindicais apreciáveis; e não temos dúvida de que, aproveitando-se leis de garantia à liberdade de reunião e de intervenção nas entidades dos trabalhadores, o sindicalismo no Brasil irá adquirir vigoroso impulso, surgindo então os verdadeiros líderes sindicais.

Não iniciou ainda seus serviços a Maternidade de Caçapava

CAÇAPAVA (Do correspondente) — Faz precisamente um mês que foi inaugurada a Maternidade de Caçapava; apesar disso ainda não se encontra em funcionamento. Sua entrega a quem de direito foi feita pela Comissão de Construção após sua inauguração oficial e em condições de funcionar imediatamente. Estamos seguramente informados que a Maternidade ainda não pode entrar em funcionamento por falta de verba e do pessoal habilitado para esse fim, como sejam enfermeiras, parturais, e mesmo médica obstetra que possa assumir sua direção.

Na verdade Caçapava conta somente com um médico obstetra, já sobrecarregado de serviço na direção clínica do Hospital N. S. da Ajuda, a cuja direção também foi entregue a Maternidade de Caçapava. Acreditamos que em havendo verba e o ilustre clínico com algum esforço poderá dar conta também desse encargo desde que se proporciona substancial auxílio por meio do pessoal habilitado. Disse-me há dias um médico recentemente formado clinicamente em um hospital do Rio de Janeiro, que constitui um crime o não funcionamento de uma maternidade como a de Caçapava, quer pelo seu moderno aperfeiçoamento, e sua construção iguala-se em ponto menor as melhores que lhe foi dado conhecer no Brasil.

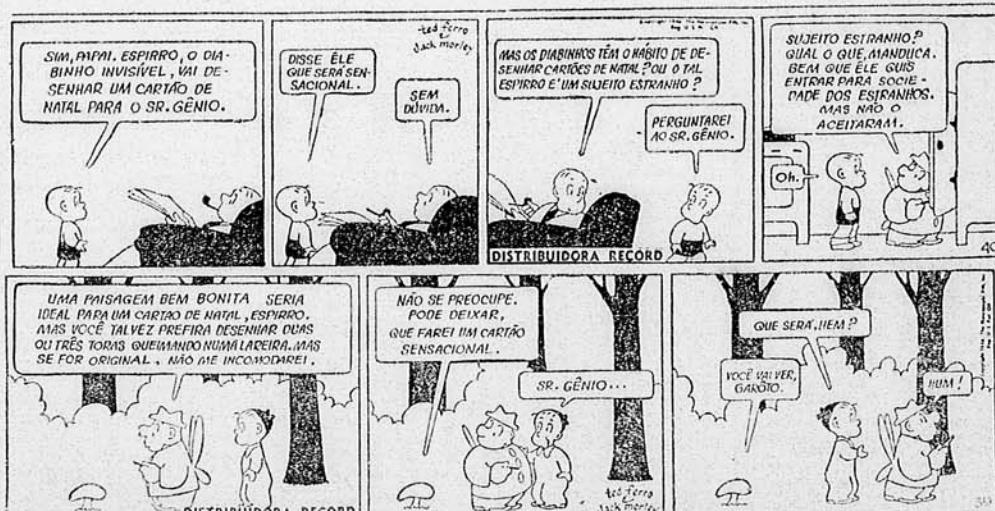
O depoimento desse jovem médico causou-me profunda impressão.

Posição do bom socialista

O bom socialista abraça e defende os seus ideais não somente por sentimentalismo e espírito de protesto contra as injustiças sociais, como pelo reflexo de uma convicção profunda, que fortalece seu espírito de abnegação e de sacrifício de modo a suportar estonianamente as brutalidades e injustiças do regime atual; e fortalece sua vontade, a fim de enfrentar e vencer as inumeráveis dificuldades e obstáculos que se apresentam na luta política de todos os dias.

Moral do bom socialista

O bom socialista é inimigo das fúrias políticas, das cabalas, das intrigas, da política de cupula; dentro do Partido ou do Sindicato, assim como fora deles, prefere a franqueza, a lealdade, a discussão pública e cordial.



Desenvolvem intensa atividade de propaganda os socialistas alagoanos

Esteve em visita à redação da FOLHA SOCIALISTA, o sr. José Moura Rocha, estudante, membro do Partido Socialista Brasileiro em Maceió, que aqui se encontrava na qualidade de delegado ao Congresso Brasileiro de Estudantes Secundários, que se realizou em nossa Capital.

Referindo-se às atividades do Partido a que pertence, declarou o visitante que o mesmo desenvolve grande atividade de propaganda em seu estado-natal. "Atualmente, está realizando uma série de três comícios semanais em numerosos municípios. Podemos dizer que o Partido Socialista é o único a realizar comício nas Alagoas".

CONFUSA SITUAÇÃO POLÍTICA

"A situação política no Estado é confusa — declarou o sr. José Moura Rocha. O governador Silvestre Per-

tes de Góis Monteiro deixou o PSD e bandeou-se para o partido do senador Vitorino. Para vencê-lo nas próximas eleições, o PSD, a UDN e o PTB fizeram uma aliança. O Partido Socialista, por seu turno, já decidiu que concorrerá com candidatos próprios ao Legislativo, não se tendo definido com relação à sucessão governamental".

CANDIDATO PROPRIO

Acerca da sucessão presidencial, disse o sr. José Moura Rocha que "em Alagoas, grande corrente é favorável a que o Partido Socialista tenha candidato próprio à presidência da República. É a única maneira que temos de nos diferenciar dos demais partidos", concluiu.

VOTEM NOS CANDIDATOS DO SOCIALISMO

PARA GOVERNADOR DO ESTADO DE S. PAULO:

FRANCISCO PRESTES MAIA

PARA A CÂMARA DE DEPUTADOS FEDERAL:

Cid Franco, jornalista;

Antônio Candido, professor;
Joaquim Vieira Filho, médico;
João Caetano Alves Junior, engenheiro;
Plínio Gomes de Melo, jornalista;
Eduardo Barnabé, ferroviário;
Edmundo Almeida Leite, professor;
Fenelon Chaves, ferroviário;
João Gonçalves Netto, motorista;
Rubens Ulhôa Cintra, jornalista;
Mário Scholz, pintor;
Nabor da Graça Leite, ferroviário;
Pedro Tarla, viageante;
Francisco Giraldes Filho, agricultor;
Cory Porto Fernandes, advogado;
Romeu Cambesius, dentista;
Cervantes Angulo, médico;
Onofre Garcia, gráfico;
João de Araújo Mello;
Paulo Pernasetti, jornalista;
Laurentino Furtado, comerciário;
Emeliano Nobrega, médico;
Sofia de Campos Teixeira, professora;

José Calazans de Araújo, comerciante;

Luis Lopes Coelho, advogado;

Oliveiros S. Ferreira, bancário;

PARA A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA ESTADUAL:

Alípio Correia Neto, médico;
Astrogildo Marques, pedreiro;

Antônio Gilo Neto, médico;

Antônio Costa Correia, advogado;

Ary Lex, médico;

Cid Franco, jornalista;

Maurício Loureiro Gama, jornalista;

Geraldo Campos de Oliveira, professor;

José Candido Lienert, advogado;

Julio Franco de Araújo, advogado;

Jose Gonçalves Machado, jornalista;

Mario Neme, jornalista;

Otavio Nogueira, agrimensor;

Paulo Ferraz, jornalista;

Patrícia Galvão, jornalista;

Salvador Nacco, gráfico;

Carlos Anselmo, ensaçador;

João Carlos Azevedo, médico;

Miguel Midola, jornalista;

Sir Martins, dentista;

Paulo Vilares de Almeida, ferroviário;

Fábio Moura, professor;

Benedito Macambra, operário;

Antônio Medeiros, comerciário;

Antônio Simões de Almeida, funcionário;

Bento Manoel Siqueira, agricultor;

Renato Correia Rocha, agricultor;

Lauro Lima Verde, advogado;

Mario Mattozinho, médico;

Henrique Péres, funcionário;

Valdemar Godoy, agricultor;

Luiz Cairo, tecelão;

Oriundo Dal Paggiotto, metalúrgico;

Cervantes Angulo Dias, médico;

Jorge Pacheco dos Santos, portuário;

José Mario Junqueira Azevedo, estudante;

J. A. Rogé Ferreira, estudante;

Ary Agout Cordeiro, funcionário;

Duglas Silva de Oliveira, propagandista médico;

João Siqueira, viageante;

Olivia Frare, tecelão;

Helio Pereira Bahia, professor;

Miguel Segura, motorista;

Altino Vendramini, comerciário;

Ivo Siqueira, rodoviário do DEE;

Hipólito de Moura Junior, farmacêutico;

Valentim Sartori, mineiro;

José de Oliveira Andrade, funcionário municipal;

Antônio Teixeira Filho, gráfico;

Waldemar Valini, contador;

Gerson da Almeida, médico;

Antônio Nardelli, operário;

Jacob Miranda, cirurgião dentista;

Moacyr Jorge, jornalista;

Marcelino Serrano, dentista.

ATIVIDADES PARTIDARIAS

No decorso desta semana há a noticiar as seguintes atividades do Partido Socialista Brasileiro:

COMICIOS

DIA 22 — Em Santana, bairro operário de São Paulo; em Bebedouro, militantes socialistas participam de comício pela candidatura de Prestes Maia.

DIA 23 — Em Santos, encerrando a V Convenção Estadual.

OUTRAS ATIVIDADES

Palestra do sr. Plínio Gomes de Melo, em Santos, sobre o tema "Socialismo e Sindicatos", no dia 23.

Instalação da Comissão Pró-Candidatura de Cid Franco, na sede do P.S.B., dia 22.

Manifesto lançado, dia 22, pela Comissão Nacional do Partido Socialista ao público, e distribuído à imprensa, em que se denuncia e condena o apoio ao brigadeiro Eduardo Gomes dado pelos integralistas.

ASSEMBLEIAS

DIA 23 — V Convenção Estadual, realizada em Santos, resolve indicar candidatos próprios para os cargos de vice-governador e senador e indicam-se nomes para os legislativos estadual e federal.

Instala-se hoje, dia 28, a VI Convenção Nacional Extraordinária do Partido Socialista, na Capital da República, onde será debatida a sucessão presidencial, a filiação à Comisco e criação da Juventude Socialista.

—oo—

Realizou-se mais uma convenção extraordinária do Partido Socialista Brasileiro, Seccão de Pernambuco.

A convenção proclamou a plataforma de reivindicações locais e programa mínimo às eleições estaduais, documentos esses recentemente homologados pela Comissão Nacional do P.S.B., na Capital da República.

Foram escolhidos por unanimidade dos votos convencionais os seguintes novos candidatos do P.S.B.: estudante Antonio Germano Rodrigues, escritor Antonio Franca, professor Antonio Alves de Amorim, Clelia Silveira, escritor Jonas Ferreira Lima, professor Juraci Nunes Machado, estudante Marcelo Cordeiro, advogado João Coutinho de Costa Pereira, Hibermon Borba, previdenciário, jornalista Silvino Lopes, comerciário Luiz Bernardes Gonzaga, estudante Helio Bezerra Coutinho e jornalista Tiberio Erico Freire.

A convenção dirigiu mensagens de solidariedade aos socialistas Nelson Chaves, Antonio Bezerra Baltar e Newton Maia, membros do P.S.B., congratulando-se pelas realizações administrativas dos referidos senhores, à frente de cargos públicos, onde permanecem movidos pela dedicação ao bem público e interesse do progresso do Estado.

A convenção dirigiu ao P.S.B. de Minas Gerais um telegrama de irrestrita solidariedade em face das ocorrências de Belo Horizonte.

E por fim escolheu a seguinte delegação de Pernambuco à Convenção Nacional do P.S.B., a realizar-se na Capital da República, na segunda quinzena de maio próximo, para decidir sobre a posição do partido no tocante à sucessão presidencial: Carlos Luiz de Andrade, Antonio Bezerra Baltar e Antonio Franca; suplemente: Jason Leite.

Auxilie e apoie a imprensa realmente livre. "Folha Socialista" precisa de sua colaboração.

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS WILSON RAHAL

Escritório:

Pr. Antonio Prado, 9 - 11.º andar
Salas, 1107/9 — Fone: 3-4656
Residência:
Rua Guarará, 230 — SÃO PAULO

FREITAS NOBRE

ADVOGADO

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º and.
Fone: 2-0168

Hospital 9 de Julho

Rua Peixoto Gomide N. 647

Fone: 6-6565

CIRURGIA GERAL

ABERTA A TODOS

OS MEDICOS

MEDICOS

DR. FEBUS GIKOVATE

CLINICA DO APARELHO RESPIRATORIO — RAIOS X

Rua Xavier do Toledo, 46 - 3.º

DR. EMILIANO NOBREGA

CLINICA MEDICA

Rua da Estação, 13

Tremembé da Cantareira

RENATO SAMPAIO COELHO

RUA JOSÉ BONIFÁCIO N.º 209
11.º andar — Salas 1.104-6-8-10
Fone: 6-3013

ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO C. CORRÉA

R. FRADIQUE COUTINHO, 303
RUA CONS. CRISPINIANO, 79
5.º andar — Fone: 6-3013

HIRAM MAYR CERQUEIRA

Fone: 3-5502
Rua Senador Paulo Egidio, 61 - 3.º
SAO PAULO

DRS. HOZAIR MOTTA MARCONDES e CARLOS NOBREGA DUARTE

R. BENJAMIN CONSTANT 138
3.º andar — Fone: 2-6652
SAO PAULO

Clinica geral - Infecções dentárias -

Cirurgia - Raios X - Dentaduras -

(com curso Post. Graduado)

R. Barão de Itapetininga, 139

3.º and. - Ap. 2 - Tel. 4-0027

SAO PAULO

GREVE DE MILIONARIOS

Mantêm milhares de apartamentos fechados para não reduzir os aluguelos — Nenhuma autoridade intervém na situação

FOLHA SOCIALISTA

ANO III — N.º 58

29 de julho de 1950

Rodízio: R. JOÃO ADOLFO, 118 - 4.º and. - Tel. 3-9784 - S. PAULO

Sindicato dos Jornalistas

NAO RECOMENDA CANDIDATURAS

Advertencia contra manobra fraudulenta de falso jornalista

Há dias nos foi exibida carta circular de um candidato a deputado, o sr. Dario de Barros, na qual se diz recomendado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Imortens.

O estranho documento criou si mesmo embarrasço ao corpo dirigente daquela entidade de classe Sabíamos que o missivista é elemento completamente dissociado dos quadros de jornalistas profissionais, pois dirige um "jornal" que só circula nas suas intenções O sr. Dario de Barros é melhor conhecido como dirigente de uma casa de tavolagem e pretende representar os trabalhadores da imprensa. Por essa razão não se pode compreender que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Imprensa pudesse emprestar apoio a um candidato tão desclassificado Foi, pois, com o mais vivo prazer que recebemos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, das mães do seu presidente, sr. José de Freitas Nobre comunicado que o rejeitou a essa forma indecorosa

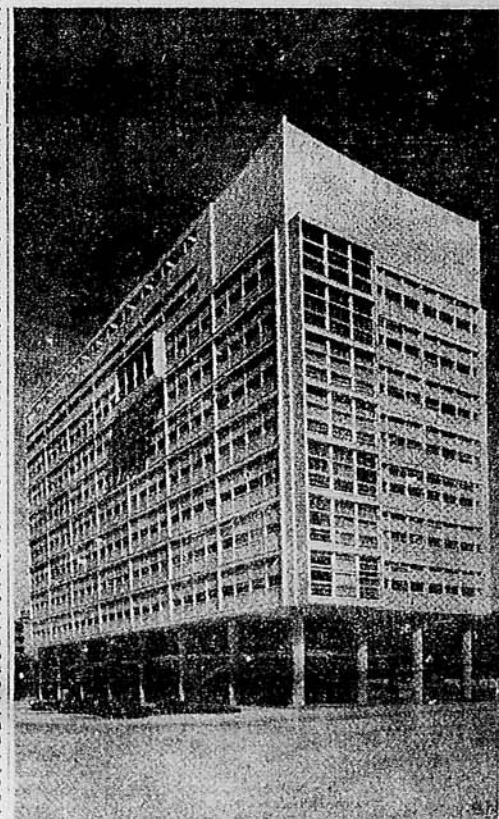
de fazer propaganda eleitoral, utilizando-se fraudulentamente do nome de entidades que, por ser agremiação para defesa dos direitos de seus associados, não deve e não torna posição política eleitoral, e não permite que seu nome seja exonerado pelos maus ou falsos profissionais de imprensa. Eis o comunicado:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo alerta o eleitorado paulista contra pessoas inescrupulosas que apresentam candidatos às camaras legislativas, instituindo-se profissionais da imprensa de São Paulo A secretaria do Sindicato está encarregada a informar a todos os interessados quais são aqueles que realmente trabalham na imprensa e que não devem, portanto ser confundidos com esses forjadores de títulos que assim agem ora porque não possuem profissão definida, ora para melhor iludir os incautos". São Paulo, 24 de julho de 1950.

Os proprietários dos predios de apartamento de São Paulo estão realizando, há mais de um ano, verdadeiro "lock-out", greve de patrões: estão impedindo que centenas, milhares de famílias possam mudar de habitação, por meio de manobra gigantesca.

Existam, nesta cidade, onde há gente que vive em porões e que paga, por esses porões,

aluguelos que variam de oitocentos a mil cruzeiros; onde há gente que vive em cubículos de 4 metros quadrados; onde há famílias de 8 pessoas vivendo num quarto, existiam, repetimos, há cerca de um ano, mais ou menos, em conta redonda, 4.000 apartamentos vagos. Atualmente, esse número baixou: deve andar pela casa dos 2.500, segundo cálculos feitos recentemente.



SUSPENSO DE SUAS FINANÇAS O PRESIDENTE DO SESI

Assim resolvem o Tribunal de Contas visto não haver o senhor Arruda Pereira prestado

contas de sua gestão

RIO (Da auversa) — Desconsiderando o mandado de segurança obtido pelo sr. Armando de Arruda Pereira, o Tribunal de Contas, em sua sessão de quarta-feira, resolveu suspender o uso das funções de presidente do SESI.

A decisão daquela corte de justiça prende-se no fato de haver re-

cusado o sr. Arruda Pereira a enviar ao Tribunal de Contas os dados e os certames no exercício da situação daquela entidade.

Terá começado a tão esperada novata na atividade dessas organizações?

Na Assembleia Legislativa

CONVOCADO O SECRETARIO DE SEGURANÇA

PARA RESPONDER PELAS VIOLENCIAS PRATICADAS POR AGENTES DE POLÍCIA

Mais uma vez, o secretário de Segurança foi convocado para comparecer à Assembleia Legislativa para dar conta de seus atos. Como ninguém ignora o secretário político de São Paulo não atende aos pedidos da Assembleia, pois ficar naturalmente muito mal e colocaria o governo de seu amo em situação desastrosa, se lancesse que responder as perguntas que se lhe dirigem. A nova proposta de convocação foi apresentada pelo sr. Silviano Pereira, do PTN.

A proposta cita casos ocorridos, inclusive o esbanjamento de dona honra que pregavam cartazes e o lançamento de uma bomba contra a sede do diretório da UDN, no bairro da Liberdade, afirmando que o governo do sr. A. de Barros caiu no terreno do mais absoluto desprezo à Carta Magna e aos preceitos que constituem a base do regime democrático representativo.

Brevemente,
em São Paulo

PRÉVIA DOS SECURITÁRIOS

Sob os auspícios do Sindicato dos Securitários de São Paulo, orgão representativo dos empregados em empresas de seguros privados e de capitalização deste Estado, realizar-se-á em princípios da mês de agosto próximo um congresso regional previo ao Congresso Nacional dos Securitários que terá lugar ainda este ano na Capital do país. Um dos principais objetivos dos congressistas é estabelecer o programa de ação que será desenvolvido pela Federação dos Securitários que deverá ser instalada brevemente, congregando todos os sindicatos da categoria profissional com o fim de melhor defenderem os seus direitos.

A fim de elaborar o teor que deverá ser discutido no conclave já estão sendo realizadas reuniões preliminares na sede do Sindicato dos Securitários, instalada à rua Senator Félix, 52. Numerosos temas foram encaminhados aos promotores do congresso, versando sobre os interesses da categoria e contendo proposições sobre os trabalhos em geral.

Na reunião de 25 da Comissão de Constituição da Câmara federal o deputado socialista Hermes Lima relatou o projeto n.º 369 que institui salário mínimo para o trabalhador e sua família. O parecer, considerando constitucional essa proposição, foi aprovado.

Um dos predios de apartamento de São Paulo

rancionar a lei que libera os prefeitos de construir entre 25 de novembro de 1944 a 25 de julho de 1945, de qualquer entrave à fixação dos aluguelos. Os proprietários poderão, durante, aumentar a seu bel prazer os aluguelos de tales predios, que seja dito de passagem são dezenas de milhares. Fica, assim, dada iniciativa liberdade aos donos de casas de moradia, de explorar o seu talento.

ta das resoluções da Comissão Executiva em setembro, aprovadas em convenção, nada tem a ver com os partidos ou elementos de partidos que também apoiam ou viriam apoiar o mesmo candidato à governança do Estado.

Realmente, o "apoio" — apoio, e não adesão, aliança ou coligação — à candidatura do sr. Prestes Maia pelo Partido Socialista, é feito exclusivamente à pessoa do candidato, e enquanto ele se comprometer, a acelarar aqueles dispositivos básicos que tornaria possível essa posição dos socialistas.

A resolução da Convenção Estadual de Santos fecha definitivamente a questão da atitude socialista quanto aos cargos de vice-governador e senador e reafirma o espírito de independência desse partido.

A respeito do manifesto contra a rearticulação do integralismo

Aplausos à Comissão Executiva Nacional

Aplaudindo a atitude da Comissão Executiva Nacional do Partido Socialista Nacional no tocante à retraida de qualquer pretenção de apoio ao brigadeiro Eduard Gomes, em virtude do acordo por este concluído com o Partido Integralista chefiado pelo sr. Plínio Salgado, o secretário-geral da Comissão Executiva de São Paulo daquela agremiação política enviou ao deputado sr. João Mangabeira, presidente da mesma, o seguinte telegrama:

"Solidariza-se Seccão de S. Paulo Partido Socialista com Comissão Nacional profligando energicamente complicitade Eduard Gomes e UDN reorganização integralismo. — Saudações socialistas — Gikovate".